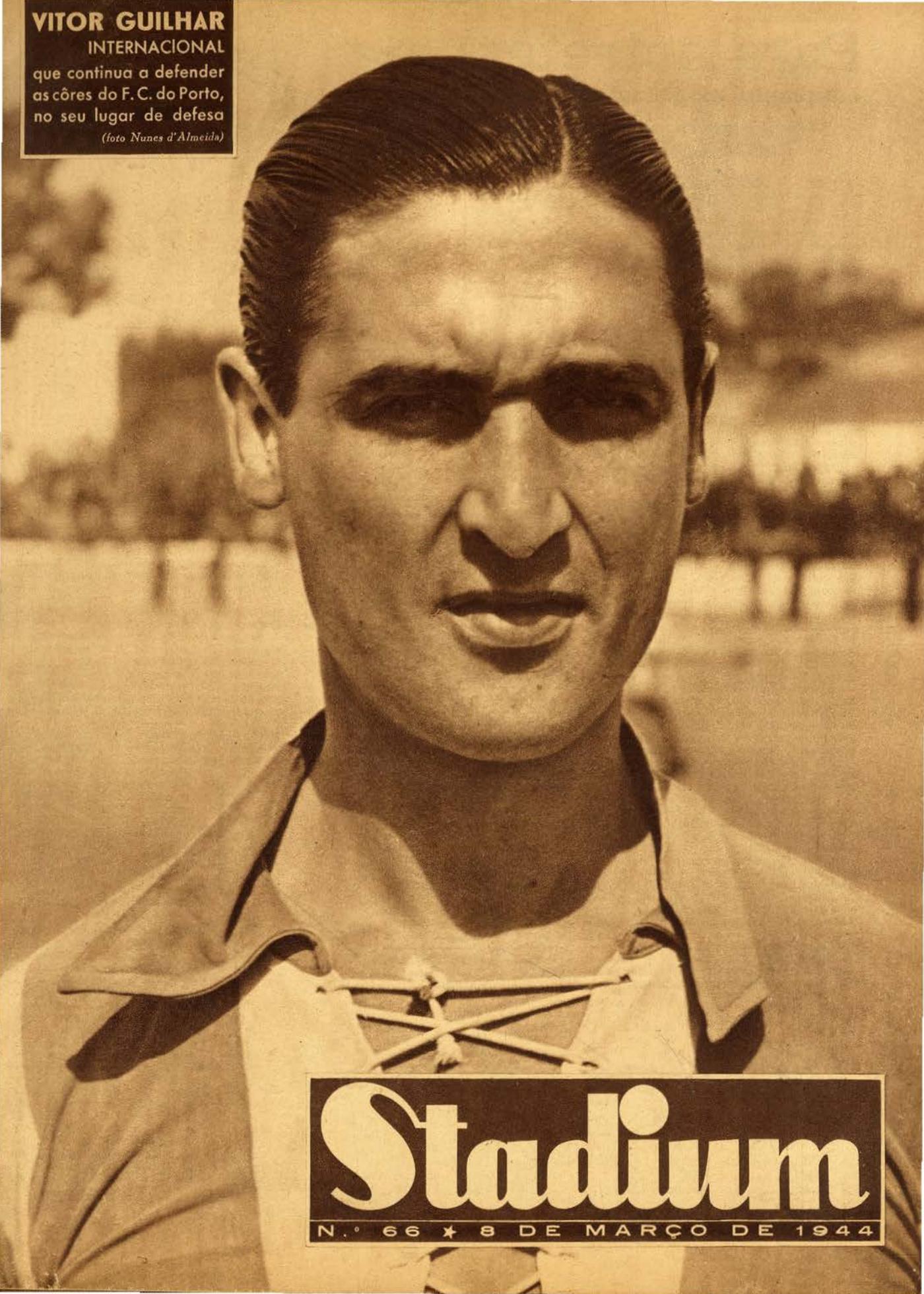


VITOR GUILHAR

INTERNACIONAL

que continua a defender
as côres do F. C. do Porto,
no seu lugar de defesa

(foto Nunes d'Almeida)

A black and white portrait of a man, Vitor Guilhar, with dark hair slicked back, looking directly at the camera with a serious expression. He is wearing a light-colored, possibly white, shirt with a lace-up front. The background is a blurred outdoor setting, likely a stadium or sports field.

Stadium

N.º 66 * 8 DE MARÇO DE 1944

Para entreter enquanto as pistas descansam

VII — Um pulo, um passo e um salto

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

A FIRMA o alemão Gerschler, com muita propriedade, que a insuficiência de resultados dos especialistas do triplo-salto se deveu, durante muito tempo, à forma de interpretar o nome dado ao exercício; para os praticantes, tratava-se de executar três saltos seguidos — e por maiores que fossem os esforços de preparação, os resultados não passavam além dos modestos catorze metros. Parece-nos que este mesmo erro de conceito técnico pode, ainda hoje, ser aplicado aos saltadores portugueses.

Os ingleses adoptaram uma designação menos sintética mas muito mais apropriada: «pulo, passo e salto» — precisamente aquilo que o saltador deve cumprir, porque os três tempos do exercício são diferentes uns dos outros.

Este preâmbulo é indispensável para criar no espírito do interessado o estado de receptividade conveniente aos conselhos que vão seguir-se; fica compreendido de antemão que o triplo é uma prova perfeitamente individualizada, que difere por completo dos preceitos aplicáveis ao salto em comprimento e de nenhuma forma pode considerar-se um salto em comprimento repetido três vezes.

Outro aviso prévio, ainda: este exercício é muito violento e sujeita as articulações e cartilagens dos membros inferiores a duros esforços e fortíssimos choques, só suportáveis sem perigo pelos indivíduos robustos, saos e já formados. Quere isto dizer que ninguém deve praticar o triplo-salto tendo um joelho ou um tornozelo tocados, nem antes de concluído o período do organismo em crescimento; não seria desafortunado, já que o desporto está sujeito às directivas emanadas de um conselho de médicos desportivos, fixar o limite mínimo da idade para admissão a competições de especialidade, certamente nunca inferior a dezasseis ou vinte anos.

Agora, que os atletas leitores estão avisados dos riscos e dificuldades em que incorrem, vamos conversar sobre o assunto propriamente dito, ou, melhor, sobre alguns pormenores do assunto, porque é de vastos de mais para que o possamos abarcar na íntegra. Reparem pois:

1.º — O pulo e o salto não são o saldo de esforço do pulo; o pulo é que é um esforço preparatório para o passo e para o salto.

Explicamos: se o saltador se atira para o pulo, aplicando todo o esforço, na intenção de atingir com ele a maior distância, executa depois as outras duas partes do exercício em péssimas condições e sem reservas de força impulsiva. O que lhe convém, portanto, é graduar o pulo de maneira a aproveitá-lo ao máximo, sem prejuízo da continuação do esforço.

O treino do saltador compreende, assim, uma parte indispensável de estudo do comprimento relativo dos três alcances: pulo, passo e salto.

Em atletismo, desporto onde as condições dinâmicas individuais imperam sobre todos os dogmas empíricos, não se podem formular rígidos preceitos uniformes; mas, de modo geral,

como guia para os primeiros ensaios, vamos indicar, com as devidas reservas, a seguinte repartição da distância total: 38% para o pulo, 30% para o passo e 32% para o salto.

Para um alcance de 14 metros, teríamos, portanto, 5^m,32 no primeiro, 4^m,20 no segundo e 4^m,48 no terceiro. Isto pode dar já uma ideia geral da necessária ordenação do esforço.

2.º — O balanço preparatório perde-se quasi todo no primeiro pulo; para impulsionar o passo e o salto, a acção enérgica dos braços é indispensável.

Se a velocidade e a elasticidade são, a par, aptidões fundamentais para o êxito no triplo-salto, elas não bastam, no entanto, para assegurar a execução completa e satisfatória do exercício. Para o passo e, sobretudo, para o salto, o que resta da velocidade de translação é quasi insignificante; e como o impulso da perna de apoio é contrariado pela precedente e forte contractura muscular, para agüentar e amortecer o violento choque da queda, é preciso reunir todos os elementos que possam contribuir para o mesmo fim.

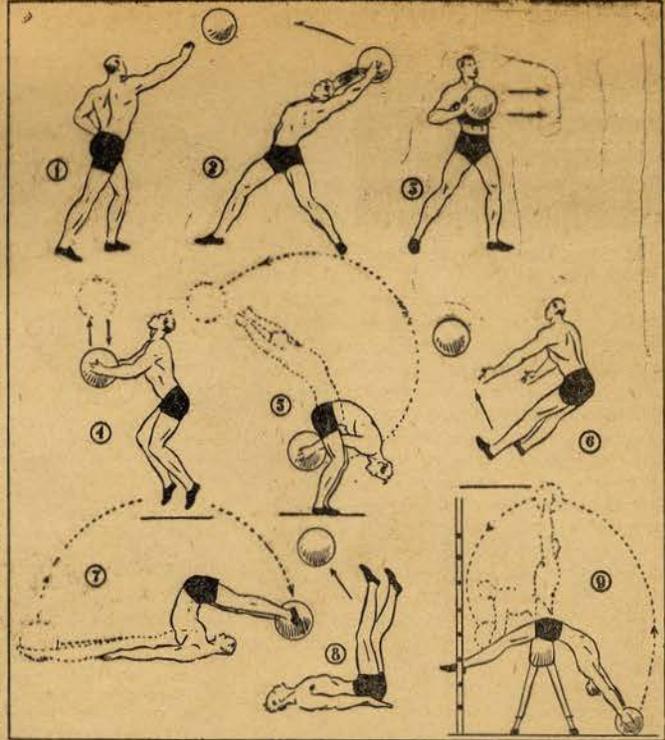
Os braços passam então a ser colaboradores preciosos e compete-lhes puxar pelo corpo; não se lhes pede apenas um impulso de balanço, mas exige-se uma acção muscular, para a qual devem previamente ser sujeitos a rigorosa preparação. Aconselha-se o lançamento do péso com as mãos e a ginástica com a «medicine-ball», de que apresentamos alguns exemplos (fig. 1-2-3-4-5).

3.º — O saltador do triplo emprega os dois pés para a chamada.

O pulo e o salto são dados com perna diferente, o que obriga o praticante a preparar ambas as pernas para o esforço da chamada.

No treino deve, por conseguinte, habitar-se a saltar com qualquer dos pés e fortalecer

Em baixo: Gravura, rectificada, cuja publicação enunciamos no último número.



ambos os tornozelos e músculos da perna, por intermédio de alguns exercícios especiais; um que se recomenda é o saltitar ao «pé-coxinho», empurrando o solo pela ponta do pé e mantendo os braços cruzados ou mãos na cintura. Tanto neste exercício como em qualquer outro que implique impulso do pé, é necessário manter os pés paralelos, eixo longitudinal no sentido do impulso, a fim de evitar desvios laterais nas trajetórias do salto.

A ginástica especial do saltador de triplo engloba, além destes exercícios, mais uns tantos directamente destinados a fortalecer os músculos das pernas, abdominais e os ligamentos articulares do joelho e tornozelo. Com a «medicine ball» consegue-se de maneira mais amena alcançar estes objectivos (fig. 6-7-8-9).

NOTA — Escaparam-nos no artigo do último número de «Stadium» dois lapsos de que vimos penitenciar-nos ante os leitores. São eles: 1.º As indicações das gravuras no texto estão trocadas; onde se aponta a fig. 2 deve entender-se fig. 3 e vice versa; 2.º Na 16.ª linha da 3.ª coluna, onde se lê «bordo inteiro do pé», tínhamos escrito «bordo interior do pé». A caligrafia, porém, parece que era... de médico...

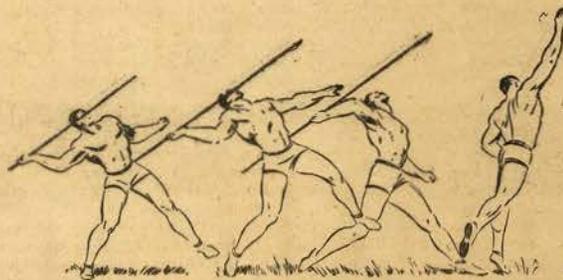
O interesse despertado por esta série de crónicas do dr. Salazar Carreira

ESTA série de crónicas — «Para entreter, enquanto as pistas descansam» — tem obtido êxito invulgar. A sua utilidade flagrante e a superior competência técnica do nosso distinto colaborador dr. Salazar Carreira, eram, de resto, garantia segura daquêlê êxito — que se estende já aos meios do atletismo em Espanha.

Efectivamente, no número de 20 de Fevereiro do periódico espanhol «Gol», encontramos justas e encomiásticas referências ao valioso trabalho daquêlê nosso estimado companheiro de redacção, que nos permitimos transcrever:

«O doutor Salazar Carreira, técnico muito popular na vizinhança portuguesa, é um publicista bem conhecido dos nossos leitores,

(Conclui na pág. 11)



CAUSAS E EFEITOS — A BOA DOCTRINA

HA alguns meses estivemos para ventilar, em editorial, o problema complexo que sempre se nos afigurou ser o da interdição dos campos de jogos, como punição.

É que a aplicação de tal pena assentava na sobreposição de castigos pelo mesmo delicto (multa ao clube e interdição do campo). Mas não era este o único vício de origem. Tinha outros: responsabilizar um clube por excessos a que podia ser alheio; o efeito da pena poder não variar em função da gravidade da falta cometida mas consoante a sucessão de desafios em casa e importância de cada um deles; obrigar a novas despesas sem fácil contrapartida; e transferir para os adversários as vantagens a que o clube tinha direito pelas características do torneio (mais jogos no seu campo, mais receitas o menos incómodos de viagem).

Tinhamos, assim, por um lado, a complexidade das características de uma interdição de campos de jogos, quanto às suas causas e efeitos. E havia, por outro, a sugestão levantada pelo nosso prezado camarada Ribeiro dos Reis, para anular, na medida do possível, as dificuldades e desvantagens provocadas, principalmente no que respeitava ao rigor desportivo da luta entre os diversos concorrentes aos campeonatos nacionais de futebol, consistindo esta sugestão no aproveitamento de campo ou localidades neutras. Como estavam as coisas, um mês de interdição podia liquidar qualquer clube com aspirações na prova, mesmo que essas aspirações fossem legítimas, e ainda que não fossem da sua responsabilidade directa os factos que provocaram as sanções superiores. Nesta conjectura, a Direcção Geral de Desportos acaba de fixar a boa doutrina num despacho de notável oportunidade: a interdição não é uma pena disciplinar, mas tão somente uma medida de disciplina. Quando não haja responsabilidade imputável aos clubes, podem os mesmos ser indemnizados dos prejuízos sofridos. A Federação pode promover o que nesse sentido se tornar necessário. E a Federação assumiu esse encargo. Alguns clubes vão por isso receber indemnizações.

Esta é a boa doutrina. Registamo-la, com muito prazer, nas colunas da «Stadium». E acrescentamos, por nossa parte, que o princípio da indemnização pode ser completado com o das compensações, permita-se-nos o termo. A Federação Portuguesa de Futebol, baseada no oportuno despacho da Direcção Geral de Desportos, fica, pois, com possibilidade de permitir, a um clube atingido pela interdição do seu campo, a compensação do recurso a um campo ou localidade neutra — em substituição do que estiver atingido pelas determinações superiores. Salvar-se-á a disciplina — sem maiores prejuízos para os clubes.

VAI ABRIR A ÉPOCA DE 1944!

Trabalhos preliminares — Calendário de provas — Corredores e equipas

ESTAMOS já a poucos dias da primeira prova velocipédica de 1944.

No próximo dia 19 de Março disputar-se-á clássica corrida de 50 quilómetros, há muitos anos a competição de abertura das sucessivas temporadas de ciclismo.

Será também essa prova a primeira organização na novel Associação de Ciclismo do Sul, que passará a ter, no sul do País, as funções da extinta U. V. P., pelo que diz respeito às competições de carácter regional.

Embora a remodelação do ciclismo tivesse sido feita, desde os alçerces, em regime de adaptação, o certo é que tudo se efectuou de maneira a não quebrar a seqüência da actividade ciclista, evitando demoras nos trabalhos da próxima temporada.

Assim, quer a Associação, quer a Federação, têm já a funcionar todos os serviços de secretaria, instalados na sede da antiga U. V. P.

O calendário geral das competições deste ano também já foi elaborado. Eis como ficaram distribuídas as provas da Associação do Sul: Março: 19 — corridas de 50 quilómetros para independentes, amadores sem distinção de categorias, iniciados e veteranos; 23 — Circuito de Lisboa, para todas as categorias. Abril: 2 — primeiras provas dos campeonatos distritais, para veteranos, iniciados e juniores; 9 — primeiras provas de seniores e independentes; 16 — segundas provas de juniores, seniores e independentes; 23 — segundas provas de veteranos e iniciados e terceiras provas de juniores e seniores; 30 — terceiras provas de iniciados, veteranos e independentes. Maio: 28 — campeonatos regionais de velocidade, para iniciados, juniores, seniores e independentes.

Sabendo-se já que a Federação marcou os campeonatos nacionais de fundo e velocidade, respectivamente para 7 e 14 de Maio e 4 de Junho, temos assim constante actividade durante perto quatro meses.

Da mesma forma que a «mecânica» administrativa está devidamente em ordem, também nos clubes tudo decorre de forma a ninguém faltar à chamada para a primeira prova. Os corredores, que tinham começado os treinos em princípio de Janeiro, já rolam em «roda livres», depois do período de «adaptação à estrada com carroto preso»; os dirigentes das secções estão ultimando as diligências no sentido de reforçarem as equipas, tornando-as mais homogêneas; e os técnicos andam azafamados na aquisição dos acessórios indispensáveis às substituições que porventura haja a fazer no decurso da futura temporada.

Tudo parece indicar que no próximo dia 19 toda a gente está a postos...

* * *

Em relação ainda à próxima época e apesar de não serem actualmente factíveis as transferências, as equipas dos «ases» aparecerão com algumas modificações. Do grupo do Sporting não fará parte José de Albuquerque, mas os «leões» contam com João Lourenço, que será o chefe de fila, e com Francisco Inácio, Aristides Martins e António Bartolomeu. Como reforço deste núcleo de antigos, passam os sportinguistas a independente o amador Julio Mourão e talvez Dias Santos. Em «puros», embora desfalcados com estas duas «ascendências» e com a falta de João Lourenço Junior, ao que parece impossibilitado de correr, Armando Rodrigues espera arranjar, pelo menos, mais dois companheiros para Baptista Alves — que continuará em amador.

Pelo G. D. «Iluminante» correm Eduardo Lopes, João Rebelo, Alberto Raposo e António Jacinto, na categoria de independentes — aos quais devem juntar-se, possivelmente, (e dizemos possivelmente por depender das provas prestadas nas primeiras «saídas») os amadores Manuel Rocha e José Jacinto. Os seus «puros» serão Guilherme Jacinto, se o cumprimento de deveres militares lhe permitir correr, e Manuel Espadinha, Amândio Monteiro, Silvio Costa, Zereferino de Carvalho e talvez mais dois elementos novos.

Quando ao Desportivo de Sangalhos, que correrá no sul mercê de uma delegação que instala em Lisboa, contará de certeza com José Ferreira e Julio Pereira. Conta também o clube da Bairrada inscrever José Martins e José Pardal, isto no caso das respectivas transferências serem autorizadas, como é natural, visto estarem já previstas antes de decretada a nova regulamentação.

Em amadores, o Lisgás voltará a pôr em luta numerosa e aguerrida equipa, da qual fazem parte os seguintes: Tavares da Silva, Hernani Ribeiro, Arristides Paulo, Pinto Ribeiro, Mota Domingues e mais um jovem corredor de Setúbal.

«Os Combatentes» será representado por Campos Avelar, Afonso Espalha, António Lopes, Jorge Carvalhena e António Marques, em amadores, Miguel Gaspar, Joaquim Martins, Adriano Nogueira e Luiz Malaca, em iniciados, e ainda dois elementos em veteranos.

Sobre os «Alunos de Apolo», embora saibamos que mantem a sua equipa de iniciados, não conhecemos ainda o nome dos seus corredores; no entanto, devem ser mais ou menos os que o clube tinha em 1943.

Volta o Benfica a apresentar também numerosa equipa de amadores e iniciados. Na primeira categoria figuram João Gomes, Marçal Loureiro, Flávio Rodrigues, Catarino e mais elementos de certa classe, e na segunda, José Barros, José Martins Coelho, Miranda Soares, Filipe de Jesus, Albano Dias, Justino Correia, Fernando Belém, Joaquim Borges, Francisco de Carvalho, Francisco Ferreira Dias e um novo elemento de Alhandra.

Eis os efectivos que no dia 19 de Março inaugurarão a temporada de 1944. O que valerá, no seu conjunto, as equipas formadas por este lote de corredores — vê-lo-emos brevemente.

GIL MOREIRA

CAMPISMO

O tempo esplêndido que desfrutámos, com dias consecutivos de sol lindíssimo, permitiu maior incremento na actividade dos nossos campistas.

Do campismo de inverno têm beneficiado todos quantos compreendem a modalidade no sentido geral dos seus inúmeros e excelentes predicados.

O movimento do campismo, chegada que é a estação invernal, não deve parar. A sua prática está igualmente indicada, somente com a diferença de que, se no verão podemos dispor com antecedência de qualquer dia, na época presente é necessário aguardar uma «aberta» de tempo, para se não perder por largo espaço o contacto com a salutar vida do ar livre.

Reforçado um pouco o vestuário do campista e escolhido o local, tendo em vista mais cuidadosas condições de abrigo, o praticante pode manter a sua actividade. E então exerce-se uma especialidade do campismo do inverno: tornar mais extensas as provas de marcha, ac mesmo tempo que se visitam locais onde o campista pode ampliar os seus conhecimentos culturais, observando monumentos, pontos históricos e obras de arte, do mesmo modo que vai «descobrir» novas paisagens.

O campismo no inverno é assim de tão agradável prática como o de verão — com o mesmo ar puro e saudável, gozando o sossego dos campos. E se as árvores não estão carregadas de fruto, os pinhais continuam impregnados de tónico aroma.

Nos últimos domingos e nos recentes feriados e dias de carnaval, pequenos grupos, ou campistas isolados, saíram de Lisboa para os arredores, especialmente Sintra e Costa da Caparica. Alguns, mais afortunados, puderam beneficiar da excursão que a Caravana Campista de Lisboa efectuou à Serra de Estrela, agora coberta de neve, e entregarem-se ali a provas de «ski».



o DERBY!

uma competição
que movimenta fortunas

do mais de século e meio, as famosas corridas apresentam grandes inovações. Gravuras desses tempos revelam-nos modificações quase insensíveis. As blusas dos «jockeys», por exemplo, são ainda iguais àquelas com que se correu o primeiro «Derby» — iguais, no feitio e nas suas cores garridas, à do Conde de Derby, de Lordy Turness, de Mr. Gocaldas, de Lord Astor, de Trisch, de Sir Bayley, do Duque de Westminster, de Mr. Rothschild e de Edmund Tattersald — figuras ligadas intimamente à história da competição. A último, faleceu, há meses, com a bonita idade de 80 anos, depois de ter visto passar pela sua coudelaria os melhores «puros-sangues» de todo o mundo.

Muitos treinadores e «jockeys» alcançaram fama graças ao «Derby». E entre eles estava Tattersald, que era treinador do Duque de Kensington, não obstante nunca ter montado um cavalo. As suas vendas anuais deram também brado, pois, por vezes, atingiram verbas verdadeiramente fantásticas e inacreditáveis.

Da mesma maneira, o «Derby» tornou universalmente célebres muitos dos cavalos que inscreveram os seus nomes na lista de vencedores da prova.

Quando se começou a pensar no «Derby» de 1943 já se apontava um favorito. Por ele se começou logo a jogar milhares e milhares de libras e dele se falava já em todo o Reino Unido. Esse famoso cavalo era «Nasrullah», filho do não menos famoso cavalo italiano «Narco» e da égua «Numetah». O seu proprietário era, então, Aga Khan, possuidor de uma extraordinária coudelaria, que conseguira ganhar antes, por três vezes, o «Derby» de Inglaterra.

«Nasrullah» venceu duas das quatro corridas em que entrava anteriormente e devia ser montado por Gordon Richards — um «jockey» campeão.

No entender de Eduardo H. Tecçlen, que, com os seus apreciados artigos, valoriza as colunas do diário desportivo madrileno «Marca», as corridas de cavalos que se celebram em Londres, sob a designação universalmente conhecida de «Derby», fornecem, sem sombra de dúvida, a «maior demonstração do nacionalismo desportivo».

E, com efeito, assim podem ser consideradas as mais famosas corridas de cavalos de todo o Mundo, que se disputam nos excelentes prados de Epsom, normalmente em Junho.

No mês que antecede a data designada para efectivação da celeberrima prova, só se ouve falar de cavalos, de «jockeys» e de apostas. Recordam-se nomes e verifica-se que o cavalo que transpõe vencedor a meta de Epsom passa à história do hipismo, com consagração igual à de qualquer imortal de Cambridge.

Lembram-se as apostas das corridas anteriores, citando-se verbas de muitos milhões de libras esterlinas e nota-se, mais uma vez, a tendência financeira dos ingleses, através dessas apostas de todas as importâncias, consoante são concertadas nos aristocráticos e grandes clubes de «Pall Mall» ou nos dugidosos «bars» de Whitechapel.

Em suma: o dia do «Derby» é o dia da festa imperial e nacional inglesa de maior retumbância. Toda a tradição secular de Inglaterra revive, palpitante, nas corridas do «Derby».

Justificam-se algumas linhas sobre a famosa competição.

Acivinhámos já o interesse do leitor em conhecer alguns permeiros do «Derby». Pois bem. Vamos satisfazer essa curiosidade...

O «Derby» tem largas tradições. Já passaram mais de 150 anos que, na mesma pista de Epsom, os ingleses assistiram, pela primeira vez, à emocionante prova de que foi iniciador Lord Stanley Derby.

Enão suponha o leitor que, volvi-



1 — Movimentada e emocionante ponta final do «Derby»; 2 — Gordon Richards, um «jockey» que já foi 16 vezes campeão... e nunca conseguiu ganhar o «Derby»... 3 — O entusiasmo da multidão no hipódromo de Newmarket, onde se corre actualmente o «Derby».

Chegou-se à final, disputada na tarde de sábado, com um bom lote de oito atiradores e na expectativa de luta renhida. Ambiente de interesse e assistência numerosa e atenta.

Efectivamente, a «poule» forneceu animação invulgar de principio a fim. A boa execução de Edmundo Franco, seguido muito de perto, neste pormenor, por seu irmão Carlos, a forte vontade de Jorge Oom, o jogo voluntarioso de Henrique Santos e a combatividade de todos os restantes finalistas, proporcionaram agradável tarde de esgrima, com a ambicionada posse do título a decidir-se praticamente nos derradeiros assaltos — pormenores que compensam o facto de nem sempre a qualidade do florete exibido estar à altura desta fase da competição.

Ao cabo dos 28 combates regulamentares, classificaram-se:

1.º — Carlos Gouveia Franco, da «M. P.», com 6 vitórias e 1 derrota; 2.º — Edmundo Gouveia Franco, também da «M. P.», 5-2; 3.º — João Vinha, 4-3, 22 toques recebidos; 4.º — dr. Jorge Oom, 4-3, 25 t. r.; 5.º — Carlos Dias, 4-3, 29 t. r. — todos do G. C. P.; 6.º — Henrique Santos, da S. A. C. G., 2-5, 31/25 toques; 7.º — Andrade Barreto, da «M. P.», 2-5, 31/22 t.; 8.º — dr. Cruz Ferreira, do L. G. C., 1-6.

A vitória da «Mocidade»

Afastado de um dos seus títulos na actividade da esgrima o bom desportista que é Jorge Oom, vimos com certa emoção o triunfo que Carlos Gouveia Franco conquistou neste campeonato de Portugal — emoção que nem aqui, nestes despretenhosos comentários, procuramos ocultar. Tal vitória, que Edmundo Franco acompanhou a tão pequena distância, deu ao nosso espírito de dedicado amigo do útil Centro de Esgrima da «Mocidade» sincera alegria — que também declaramos abertamente, sem receio de errada interpretação de parcialidade.

Depois da tarde brilhante do Estoril, na memorável luta com os fortes esgrimistas franceses da «Jeunesse», a «Mocidade» alcançou agora o justo prémio do seu labor no desporto das armas, arrancando um título nacional. Todos devemos regosijar-nos com o facto, pela sua transcendência e significado, particularmente no que se prende com o futuro da esgrima portuguesa.

Mestre Campos de Andrada, incansável obreiro deste desporto dentro da «Mocidade», e os seus dedicados colaboradores, estão de parabéns. E merecem-nos, de sobejo, por tão bela obra!

Não podemos, em consciência, deixar de envolver Carlos e Edmundo Franco na mesma apreciação. Se na prova estavam presentes floretistas

de apreciável mérito, os dois simpáticos irmãos provaram ser os de mais fina gema, de maior pureza. Carlos, por vezes sóbrio e com alguns assaltos de menor regularidade, totalizou mais uma vitória — com o correspondente e honroso prémio; e Edmundo, com frequentes rasgos de classicismo, que recordam o brilhante Herculano Pimentel — são dois atiradores que, trabalhando, podem ter carreira da relvão, em futuro mais ou menos próximo, nas pugnas internacionais a que fôr chamada a esgrima portuguesa. Isto diz tudo.

Já vimos, pela classificação, que João Vinha, Jorge Oom e Carlos Dias ficaram nos lugares seguintes com o mesmo resultado, desempatando pela diferença de toques recebidos. Oom foi o mais seguro. Não sendo o florete a sua arma predilecta, a exhibição fornecida neste campeonato foi, quanto a nós, superior à do antecedente, por mais precisa, passe o termo. É um adversário muito difícil. J. Vinha não

(Continua na pág. 12)

EFEC-TUOU-SE na passada semana, na sala de armas do Centro de Esgrima, a disputa do campeonato nacional de florete, última das provas desta arma previstas no calendário oficial para a temporada em curso.

Organização aceitável, embora com a deficiência já tradicional nos nossos torneios: o problema dos jurís, tantas vezes estudado e para o qual não parece existir, na realidade, solução imediata que satisfaça.

Um pormenor há, porém, que deve merecer desde já a atenção de quem de direito: o ruído de conversas enquanto decorrem os combates. A esgrima é dos desportos que exigem grande concentração e a sua prática não pode fazer-se em ambientes nos quais deixe de verificar-se o aconselhável silêncio, tão necessário aos atiradores como aos membros do júri. É até curioso sublinhar que são, por vezes, as pessoas melhor conhecedoras deste importante pormenor que menos cuidam de o observar...

As eliminatórias

O torneio reuniu 22 concorrentes, que foram distribuídos por três eliminatórias. A primeira teve a participação do dr. Cruz Ferreira, que reapareceu e a quem faremos referência mais adiante.

A exclusão de Dantas Maia, do I. S. T., neste grau da prova, não corresponde, de certo modo, às possibilidades do atirador, mesmo tendo presente que não jogou com a eficácia evidenciada noutras competições. Luiz Beltrão, do H. C. P., e dr. Luiz Pimentel, foram também eliminados, sendo contudo agradável registar que estiveram ambos ligeiramente melhor desta vez — o primeiro mais seguro e combativo e o segundo com defensiva a revelar progressos.

Na 2.ª eliminatória, cujo nível técnico foi sensivelmente superior ao da primeira, saíram António Bayard, do H. C. P., que mostrou ter também progredido no que se refere à limitação das paradas, embora as respostas não se verificassem como convinha; Raul Worm, do G. C. P., a jogar menos que habitualmente; e Jardine Neto, do I. S. T., um atirador que não desenvolve por enquanto jôgo eficaz mas que, seguramente, pode ter futuro na prática de esgrima.

A 3.ª e última eliminatória registou a falta de três concorrentes e ficou, assim, reduzida ao ingrató número de cinco atiradores. A exclusão de um só dos presentes recaiu em Madeira Pinto, do I. S. T., que se exibiu de facto com irregularidade, mesmo tendo em conta a sua pouca experiência.

As meias-finais

O sorteio para as meias-finais forneceu duas «poules» manifestamente desequilibradas, de tal forma que, em nossa opinião, devia ter sido revisto. Embora houvesse o cuidado de estabelecer cabeças de série, esqueceu-se decretar seguir o critério regulamentar da separação, tanto quanto possível, dos atiradores segundo as classificações antes obtidas. Assim, a primeira agrupou conjunto sensivelmente mais forte (dois vencedores, três segundos e um quarto classificados das eliminatórias) e excluiu Jorge de Paiva e Pona, da «M. P.», e Machado Gomes, do I. S. T. Aquelle não mostrou a regularidade doutras exhibições e só a espaços esteve combativo. Fez um esplendido combate com Henrique Santos, digno de registo e no qual obteve expressiva vitória. Quanto ao segundo, trata-se de um esgrimista ainda pouco experiente mas de boa intuição, com mecanização correcta, ao qual o futuro não deixará de reservar melhores exitos.

A segunda meia-final, disputada a horas adiantadas e em justificado ambiente de cansaço, eliminou Humberto Rodrigues, da «M. P.», que se mostrou agora mais combativo, abandonando a apatia com que orientava os seus assaltos e demonstrando acentuado progresso, e Augusto Súpico, do I. S. T., jovem floretista, cuja permanência neste grau da prova é hesitante.

De cima para baixo: João Vinha, dr. Jorge Oom, Carlos Dias, Henrique Santos, Andrade Barreto e dr. Cruz Ferreira

Vitória da «Mocidade»

Carlos Gouveia Franco

Ganhou o Campeonato Nacional de florete

Subsiste a dúvida pelo que respeita à conquista do título

A luta cerrada entre os três primeiros rodeia de grande expectativa as três últimas jornadas da prova

por TAVARES DA SILVA

CONFORME dissemos, num dos últimos números, o futebol domina o desporto português, chamando aos campos de jogos verdadeiras multidões.

Contando mesmo já com as deficiências de acomodação, o público, embalado pelo belo espectáculo que está oferecendo o galope final da prova, encheu a Tapadinha de lés-a-lés.

O Atlético, que tem sido juntamente com o Olanhense a *faulha viva* da competição, tem recebido justa paga do seu belo esforço, no acolhimento que o público tem dispensado aos seus jogos.

O novel clube alcantarense entrou agora na parte mais rude da sua tarefa, cuja ponta final se apresenta erigida de obstáculos nada fáceis.

Na partida do passado domingo, na Tapadinha, o Atlético jogava uma cartada decisiva, pois podia afastar o perigo do Sporting.

Batendo os *leões*, bastava-lhe confiar, apenas nos recursos próprios, e agora tem de contar com os resultados feitos pelos outros. O que é diferente.

Consentindo o empate sacrificou possibilidades, mas continua em condições de aspirar ao título, cuja conquista nesta altura iria muito além dos horizontes dos seus intentos no início da temporada.

Vai ter agora o *exame* difícil do Campo Grande, no próximo domingo, e depois, embora com mais tranquilidade, por ser nos seus domínios, terá de confrontar o Olanhense e o F. C. do Pôrto, que possuem conjuntos capazes de fazer surpresas.

O Sporting, agora apenas a um ponto do seu rival de sempre — o Benfica — tem ainda três obstáculos de respeito a transpor, mas pode decidir a contenda no seu campo, na penúltima jornada da prova, contra os *encarnados*.

É verdade que tem as duas deslocações arriscadas ao Pôrto e a Guimarães, mas o *team* leonino tem sido tão feliz em todas as saídas desta época, que deve encerrar com esplendor moral esta última parte da sua tarefa.

O Benfica, não obstante as dificuldades que o *team* tem conhecido em face do *problema angustioso da defesa*, mantém-se galhardamente no pelotão da cabeça, e a vitória agora alcançada no campo de Santa Cruz, em desafio que se antolha muito difícil, pode ter lançado a equipa na senda da vitória final.

O *team* dos *vermelhos* costuma agigantar-se nos momentos decisivos. A chama ardente que sempre anima os seus homens justifica todas as pretensões.

Sporting e Benfica, novamente nos *lugares de predomínio*, a que se habituaram, vão valer-se agora da maior experiência para acautelar as suas posições, derrochando entre si a questão da *supremacia* na interessantíssima prova de 1943-44.

Esperava-se mais e melhor. Falou no segundo tempo a maior expectativa do Sporting

O jogo na Tapadinha não correspondeu ao que se esperava. As responsabilidades da luta pesaram sobre os nervos dos jogadores, e os homens do Atlético, principalmente, não atingiram o nível de jogo que têm exibido nos últimos encontros.

O «onze» alcantarense não evidenciou a coesão que tem sido a sua grande característica, e se não fôra o equilíbrio da linha medular, a segurança e autoridade de Baptista na luta contra Peyroteo, e o acerto e atenção de Armando Jorge, o Atlético teria visto eliminadas as suas possibilidades.

E isto não obstante ter começado a par-

tida da forma mais prometedora, com dois *goals* a favor logo no primeiro quarto de hora.

A *convicção* do Sporting não foi porém abalada pelos acontecimentos, e a maior experiência de um lote em que figuram seis ou sete *internacionais*, já afeitos a estes jogos de grande espectáculo, acabou por pesar no prato da balança.

Isto e a tal *robustez sportinguista* que temos apresentado como factor de respeito.

De maneira geral as linhas defensivas de qualquer dos grupos fizeram muito melhor trabalho do que as linhas de ataque.

O Sporting deu grandes facilidades no centro do terreno, onde o jovem Barrosa, por deficiências de colocação, foi um corredor aberto, mas o valor dos dois defesas — Marques e Cardoso — e a apatia de Catinana, no centro da avançada alcantarense, evitaram complicações de maior.

Na fase inicial do jogo, precisamente no período em que o Atlético ganhou ascendente, António Marques e Mourão desperdiçaram *abertas* que podiam ter modificado por completo a fisionomia da partida.

A arbitragem também não correspondeu ao que se esperava. O árbitro tem o culto das atitudes para a galeria. Critério nem sempre igual e pouca convicção a assinalar os castigos mais graves.

Três «goals» em vinte minutos constituíram embalagem magnífica para o Benfica

O jogo de Santa Cruz, que sobre o papel parecia oferecer grandes dificuldades para o Benfica, resolveu-se afinal sem grandes complicações.

O Benfica adquiriu um bom avanço inicial que deve ter dado à equipa a indispensável tranquilidade. As linhas defensivas satisfizeram desta vez, não comprometendo o resultado, pelo que a vantagem adquirida pelos avançados pôde manter-se pelo tempo adiante. A extraordinária vivacidade do pequeno interior direito do Benfica — Pires — teve acção decisiva no resultado obtido.

É um jogador de fibra, que dá sempre luta, o que no Campo de Santa Cruz constituiu requisito indispensável, dadas as condições do terreno que forçam à luta de perto. Contra uma defesa dura e enérgica como é a dos estudantes, há que expor-se à luta e ganhar as *deltas* sem perda de tempo. Nesse pormenor está a explicação dos três *goals* marcados por Pires. E são os *goals* que dão tranquilidade e apressam as vitórias. A Académica não merecia derrota tão expressiva, segundo dizem os jornais, e o resultado constitui realmente surpresa, sobretudo se verificarmos que o grupo coimbrão não apresentou desta vez os *remedos* nos últimos jogos, tendo alinhado com o seu melhor,

O Belenenses não conheceu dificuldades contra o último classificado

O estado de espírito das equipas influi decisivamente na fisionomia das partidas.

O jogo das Salésias tinha de ser o que foi, uma luta em família, às onze horas da manhã, só para satisfazer as exigências do calendário da prova.

Os campeões de Lisboa levaram tempo a encontrar o caminho da balisa, o que pôs no começo da luta um pouquinho de sal e pimenta, mas depois o desfecho foi manifesto.

Só a tarde desafortunada de Rafael e Franklin pelo que respeita a remate à balisa, explica o magro resultado obtido pelos *axues* e que não se ajusta ao domínio exercido.

O simpático grupo do Salgueiros mostrou-se animoso, como sempre, mas o seu *quadro*, como já temos dito, não está ainda à altura da prova.

Só nos jogos em casa pode oferecer realmente dificuldades aos adversários.

O F. C. do Pôrto continua serenamente a firmar posição

O Olanhense foi no domingo de abalada até ao Norte e teve de baixar bandeira perante os *portistas* pela mesma margem que vencera em Olhão.

O F. C. P. não fez, ao que parece, grande exibição, teimando em jogar com a bola alta e favorecendo assim as características de combatividade dos algarvios.

O Olanhense, afastada a hipótese da sua escalada aos primeiros postos, deve ter perdido convicção e moral, e as suas exhibições háo-de reflectir isso mesmo.

O F. C. do Pôrto, que no início da prova não ambicionava por certo chegar à posição que presentemente ocupa, está ganhando presença e personalidade, dispondo-se a ocupar o primeiro posto dos clubes da Província — e a discutir mesmo com o Belenenses o direito ao quarto lugar.

Derrota demasiado expressiva dos vimaranenses

A diferença entre os dois *Vilbrias* que jogaram em Setúbal, no passado domingo, não pode ser etiquetada com o resultado que se registou.

Embora a defesa de Guimarães tivesse cometido vários deslizos que favoreceram a marcha do resultado, os números finais são exagerados.

A luta decorreu em ambiente de grande entusiasmo, dado o contentamento geral da população citadina, por ter sido reduzida a pena disciplinar aplicada ao clube da terra.

Os visitantes foram acolhidos festivamente e o jogo desenvolveu-se sempre em ambiente de extrema correção.

O avançado-centro setubalense, Rodrigues, cujos pés continuam a *disparar* perigosamente, somou mais quatro *goals* ao seu activo, igualando Peyroteo na cabeça da lista dos *marcadores*.

II DIVISÃO DO NACIONAL

O Sporting-Farense assegurou a sua entrada na fase final da competição

Prognósticos contrariados em cinco desfechos

DISPUTARAM-SE, no último domingo, os desafios da penúltima jornada para apuramento dos dezeto clubes que háo-de passar à segunda fase do campeonato.

Dois deles sobrelevaram os restantes dezanove, em interesse e expectativa. E esta não foi iludida, pois quer a luta Leixões-Boavista, entre portuenses, quer o empate Farense-Lusitano, entre algarvios, proporcionaram encontros reñhidos e equilibrados, como, aliás, os próprios resultados traduzem claramente.

Mas, a nota saliente da 13.ª jornada do torneio é dada pela porção de desfechos imprevistos. Se esses resultados não chegam para que os consideremos surpresas, eles tiveram pelo menos o condão de contrariar boa dose de vaticínios.

Com efeito, nem toda a gente poderia pensar que o Vila Real perdesse, no seu campo, contra o Gil Vicente; que o Leça, também em casa, fosse derrotado pelo C. D. Aves; que o Candal impuzesse um empate ao Ramaldense; que o Anadia bateasse, ainda que na sua terra, o União de Coimbra; e que o S. L. Faro fosse a Vila Real de Santo António derrotar o Glória.

Mas com a fase inicial da prova a declinar e com a maioria dos clubes apurados para a fase seguinte, estes resultados tiveram menor influência que poderiam ter, se registados há semanas atrás.

Estão apuradas dezanove equipas para a segunda parte do campeonato. As restantes serão o Leixões ou o Boavista e o Juventude ou o Luso de Beja. Mas tanto o Leixões como os benjens têm maiores probabilidades. Vejamos, de relevo, os dezanove desafios do último domingo.

Na série I do grupo A disputaram-se três encontros. Por coincidência, ganharam os três grupos visitantes, dois deles em condições de merecer elogiosa referência: o Sporting de Fafe, que infligiu 6-1 ao Vianense, e o Gil Vicente, que «brindou» o Vila Real com um expressivo 6-3. O Sporting de Braga «bateu o pé» ao Famalicão, mas, ao cabo, saiu derrotado (2-3), mas não diminuiu.

O C. D. das Aves, derrotando o Leça, no campo de Sant'Ana, esteve em evidência (2-1). O Ramaldense não cantava, certamente, com tão séria resistência do Candal (0-0). O Académico, batendo o Vilanovense (2-0), e o Coimbrões, vencendo o Rio Ave (4-1), corresponderam ao que deles se esperava.

(Conclui na pág. 11)

Em prol da Educação Física

Desportos de inverno

III

O esquí e as condições climáticas da altitude

Os benéficos efeitos do esquí não provêm somente da acção fisiológica do exercício. Outros elementos, de primordial importância, exercem influência marcante. São as condições climáticas que imperam nas altitudes serenas.

A diminuição da pressão atmosférica, a temperatura, o sol e o ar, constituem os principais factores inerentes ao clima da montanha com que o esquiador terá de contar na prática do seu movimentado desporto.

A depressão atmosférica traz, por consequência, menor disponibilidade de oxigénio no ar da altitude. Como, porém, as necessidades orgânicas de oxigénio são constantes, dá-se uma aceleração da ventilação pulmonar, tendente a manter o equilíbrio fisiológico.

Por outro lado, a baixa da pressão do oxigénio motiva o acréscimo de glóbulos vermelhos na corrente sanguínea, que explica a cor rosada da pele dos montanheseiros. A actividade cardíaca aumenta, sobretudo quando o esforço redobra nas escaladas das altas elevações dos sistemas orográficos.

O esquiador deve, por isso, possuir um coração sem falhas e artérias bastante elásticas.

As repercussões fisiológicas, motivadas pela permanência numa atmosfera de baixa pressão, impõem ao desportista adaptação progressiva, orientada racionalmente, não só de harmonia com os temperamentos individuais mas também consoante a cota da altitude onde vai ser praticado o exercício.

Sem esta prévia adaptação, o esquiador corre o risco de sentir transiçãos muito desagradáveis quando se ajoita bruscamente às grandes alturas. Fadiga muscular intensa, dores nas juntas articulares, palpitações, frequência de pulso e dilatação dos vasos sanguíneos, exprimem o mal estar orgânico dos imprevidentes. Estes fenómenos que, na sua máxima intensidade, podem ocasionar congestões pulmonares e hemorragias, constituem o conhecido mal das montanhas.

Outro factor climático a destacar é o frio característico das grandes altitudes.

As reacções do organismo às baixas temperaturas são importantes; dá-se uma excitabilidade do sistema neuro-vegetativo, com aumento das combustões orgânicas. O apetite exalta-se e há maior necessidade de absorção alimentar, imposta pela grande perda de calorías.

Quando, porém, o frio é intenso e o ar está húmido, podem registar-se acidentes graves, quer locais, quer gerais. Enregelamentos, quedas bruscas da temperatura do corpo, estados de esgotamento e astenia, são fenómenos ocasionados pelos grandes frios — que o esquiador deve evitar, aos primeiros sintomas, pelo movimento e pela alimentação.

O sol ocupa também lugar de relevo no quadro geral do clima das grandes altitudes.

As radiações solares actuam na montanha com particular intensidade, devido à pureza do ar. A elas devem os esquiadores muito do seu bem estar fisiológico.

Os raios infra-vermelhos são caloríferos, avermelham a pele, aceleram a respiração e estimulam o apetite. Por seu lado, os raios ultra-violetas, favorecem o crescimento do esqueleto, pela formação da vitamina D no seio das camadas superficiais (Prof. Latalajet). Regista-se, ainda, a acção importante do sol na pigmentação da pele e no bronzeado dos corpos, que dá ao desportista da montanha um aspecto magnífico de saúde, vigor e alegria.

O esquiador deve rodear a insolação do corpo das maiores cautelas. O sol é uma arma de dois gumes: fonte criadora da vida, nas suas excelentes qualidades energéticas, pode ser também um manancial de perturbações.

Os fenómenos congestivos, devido a uma insolação brutal, são causa de queimaduras, ulcerações, transtornos digestivos, vômitos, fortes dores de cabeça e insónias.

TENIS DE MESA

Começou ontem o 12.º campeonato de Lisboa

COMEÇOU ontem a disputar-se mais um campeonato de Lisboa, inter-clubes.

Ganha definitivamente pelo Sport Lisboa e Benfica, na última época, a taça instituída, quando da fundação da Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, para o clube que nela inscrevesse o seu nome três vezes seguidas ou cinco alternadas, pode dizer-se que teve ontem início uma nova fase da mais importante competição do ténis de mesa lisboeta. Outro troféu vai surgir em substituição do que o Benfica arrecadou no seu «museu». O desejo que os clubes concorrentes devem ter de inscrever em primeiro lugar o seu nome na nova taça — constitui um atractivo do campeonato de 1943-1944.

O outro — e esse tem ainda mais valor — está no maior equilíbrio de valores existente entre os vários componentes das quatro divisões, o qual torna diffíceis, senão impossíveis, vaticínios quanto a vencedores.

Afigura-se interessante, ao iniciarem-se a prova, analisar as possibilidades dos concorrentes. Uma coisa há que não oferece dúvidas: é que este campeonato há-de ser arduosamente disputado.

Comecem pela

Divisão de Honra

O agrupamento principal do A. P. M. L. será constituído pelo Benfica (Jetentor do título nas quatro categorias), Sporting, Técnico, Matadouro, Combatentes e Campo de Ourique (campeão da I Divisão em 1942-43).

Estes seis clubes devem constituir dois grupos: Benfica, Combatentes e Sporting, a um lado; Campo de Ourique, Matadouro e Técnico, a outro.

Dos três primeiros, qualquer se apresenta com possibilidades de ganhar o campeonato. cremos mesmo que a luta entre eles vai ser particularmente renhida. E o sorteio ajudou: no 1.º dia, Benfica-Combatentes, no penúltimo Combatentes-Sporting e, no último, Benfica-Sporting.

Se no Benfica há como jogador de primeiro plano, um Oliveira Ramos, no Sporting existe um Carlos Feio. E para conclusão dos trios, quer o «encarnado» quer os «lões» dispõem de elementos de igual valor. E os Combatentes dispõem de equipa mais homogénea — que é sempre uma apreciável vantagem.

O Matadouro deve ter melhorado em relação à época finda. O reforço de Manuel Pedro da Silva é de valia. Ele e Trem Torres são capazes de provocar uma surpresa... O Campo de Ourique não deve apresentar-se com grandes pretensões, a menos que viesse a fornecer alguma revelação.

A exposição do corpo ao sol da montanha deve, por isso, ser feita de forma progreensiva e dentro das regras fixadas pela helioterapia. Só assim o desportista sentirá as agradáveis sensações internas que afirmam o equilíbrio fisiológico do organismo.

Finalmente, o esquiador beneficia do virtuoso factor climático constituído pelo ar, em toda a sua pureza e secura.

Graças a estas ricas qualidades do ar que envolve as regiões montanhosas, o desportista pode suportar, com relativa facilidade não só, o calor provocado pelas fortes radiações solares nos campos de neve, mas também os frios intensos da altitude.

O facto da extrema secura do ar ser causa, por vezes, da congestão das vias respiratórias superiores (farngites e laringites), em nada diminui a excelência dos seus efeitos.

O esquiador sabe bem que ar seco e puro da montanha é o seu grande aliado. Ajuda-o a suportar as fadigas e as inclemências do tempo, aligeira os movimentos e dá as máximas satisfações no rendimento do esforço desportivo.

Deve-se ao esquí, a esse belo desporto do sol e da neve, a descoberta da magnificência climática da montanha invernal!

ALBERTO DA SILVA VIANA

E, para terminar, sempre arriscamos um prognóstico. Os clubes podem classificar-se pela seguinte ordem: Benfica, Combatentes, Sport g. Matadouro, Técnico e C. Ourique. E se não for assim — também não vem por isso o mal ao mundo...

I Divisão

Se recordarmos o que tem sido, nos últimos anos, a prova desta divisão, temos de convir que, dada a sua constituição, a irregularidade na sua seqüência deve manter-se. Formam, este ano, o agrupamento: Liberdade, Internacional, Ateneu Comercial, Adicense, Carnite e Picheleira. O leitor está a ver a que deslocacões são obrigados os jogadores... Depo s — é certo e salto — perdidas as possibilidades de uma boa classificação, principalmente nas categorias inferiores, surgirão as faltas de comparência.

Quando a nós, a luta para o primeiro lugar vai declinar-se entre o Liberdade e o Ateneu. São, incontestavelmente, as equipas melhor apetrechadas. O Internacional atravessa crise e a colaboração de um dos seus melhores jogadores está comprometida pela inspecção médica. O Picheleira, perdido o concuro de Samuel Stall, é capaz de se igualar ao C. I. F. O Adicense e o Carnite parecem destinados a ter de disputar o 10.º de passagem à divisão inferior. Mas, qualquer deles já se habituou a descer ao agrupamento imediato... voltar a aparecer no ano seguinte na I divisão...

II Divisão

Mais seis equipas quasi todas da Promoção de 1942-43: Intendente, Centro Escolar e Republicano de Arroios, Desportivo Clube de Arroios, Monte Pedral, Sporting C. Penha e C. F. «Os Belenenses».

Os «nuzs», se António Esteves se dispuser ao «sacrifício» de jogar e contando com J. Cardoso, podem e devem ganhar com o sorriso nos lábios, tanto mais que o seu mais directo adversário da época finda — o D. C. de Arroios — perdida a colaboração de algumas das melhores unidades, terá de valer menos.

O Monte Pedral é adversário de respeito e deve ficar dentro dos três primeiros lugares. Como segundos planos, teremos: Penha, Intendente e C. E. R. Arroios, adivinhando-se luta animada para fugir ao último posto.

Promoção

Só quatro concorrentes: Alunos de Apolo, Mirantense, Sport Lisboa, Amoreiras e A. C. Lisbonense. É difícil qualquer previsão, visto que a Alunos de Apolo e o Lisbonense são estreantes, desconhecendo-se, portanto, as suas possibilidades. O Mirantense e o Amoreiras foram, há um ano, os últimos classificados de cada um das séries da Promoção.

Todavia, arriscamos um prognóstico. Vamos pela Alunos de Apolo, porque tendo recrutado quasi todos os elementos da Concentração Musical, deve dispor de jogadores com mais experiência — o que é sempre um trunfo... TEE-TEE

Reinaldo Monteiro

Ausentou-se de Lisboa, em serviço profissional, por ter sido nomeada gerente da agência do Banco Lisboa & Açores em Coruche, este nosso querido amigo e companheiro de trabalho, dirigente e jornalista desportivo de mérito, cuja falta sentimos.

Desejamos-lhe as maiores felicidades no exercício das suas novas funções.

DOIS INQUÉRITOS

Qual o acontecimento mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943?

O nosso concurso encerrou-se, conforme anunciámos, na quinta-feira passada, a do corrente. A correspondência recebida até essa data, aumentando consideravelmente o número de votos, impossibilitou-nos de publicar hoje os resultados finais da votação alcançada, o que faremos no próximo número.

A 3 JORNADAS DO FIM...
Um empate no vibrante jogo da TAPADINHA
 e expressivos resultados nos outros campos



1



2



3



4



ATLÉTICO - SPORTING: 1 — Albano acaba de marcar o "goal" do empate! 2 — Arrojada defesa de Armando Jorge, carregado por Albano e caçado por Peyroteo; 3 — Catinana em luta com Cardoso (fotos de Nunes d'Almeida). F. C. PORTO - HANENSE; 4 — Araújo marca o 1.º ponto dos portuenses (foto Hermam), BELENENSES - SALGUÇOS; 5 e 6 — Duas fases do jogo das Salésias. A segunda faz lembrar qualquer coisa de dança exótica... (fotos Manique).



5

Começou mais um campeonato regional

O «rugby» foi, em velhos tempos, o meu jogo desportivo predilecto e posso afirmar, sem receio de ser desmentido, que fui das pessoas que mais contribuíram para a sua prática em Portugal.

Ao cabo de uns tantos anos, quando a idade me afastava já das competições, cheguei — como espectador — a arrepender-me dos esforços de organização e propaganda que em favor do «rugby» despendera; foi em certa tarde, quando vi uma equipa usar impunemente de todas as violências e atropelos para derrotar um grupo estrangeiro que viera até nós convencido certamente de que havia sido convidado para disputar desportiva e amigavelmente algumas partidas de «rugby».

Sai do campo confrangido e não voltei a presenciar jogos da modalidade até que o acaso de incumbências jornalísticas me levaram a acompanhar os jogos universitários de há dois anos. Assisti então à luta entre os grupos académicos e a impressão colhida foi reconfortante: o espírito era outro e diferente a consciência do comportamento para com

o adversário. Com mais ou menos merecimento técnico, jogavam «rugby» como desportistas, com virilidade e energia, mas sem violência nem maldade.

As circunstâncias levaram-me a dirigir alguns encontros e fui, depois, amavelmente convidado pelos rapazes da Académica de Coimbra para ir à cidade universitária arbitrar o jogo entre a sua equipa e uma selecção lisboeta.

Desde então tenho acompanhado de novo, com simpatia, as competições do «rugby» e oferecem-me agora uma oportunidade de comentar o que completa o interesse ressurcido e a vontade de servir, com outros recursos, a paixão da mocidade. Estas ligeiras crónicas serão, assim, animadas pelo propósito de orientação, de incentivo, de trabalho para o progresso de um jogo que merece melhores destinos.

Na primeira jornada do campeonato que principiou no domingo, o Belenenses derrotou o Estoril por 19-0 e o Sporting venceu o Benfica por 8-6. Foi este último encontro que observámos e sobre ele bordamos as considerações de hoje.

Os estreantes «leões» ganharam com entusiasmo, mas não jogaram melhor do que o adversário. A sua linha de três quartos carece de rapidez de movimentos e sistematicamente pecou pelo erro de todos os seus componentes esperarem pela bola, sempre parados, quando ela já se encontrava nas mãos dos seus médios.

Sob este aspecto, a linha benfiquense deu prova de melhor compreensão e conseguiu marcar dois bons ensaios, todos os pontos da equipa, ao passo que do lado contrário se obteve um único ensaio de avançados e cinco pontos de pontapés.

De modo geral, em ambos grupos se enferma de idênticos males: pouca segurança na captação da bola; o costume ilógico do portador da bola se «meter ao barulho», agarrando-a cíngidamente, em vez de a passar a um companheiro antes de ser paralizado pelo adversário; corridas em vitez pelo campo, quando não perfeitamente atravessadas; repugnância em placar pelas pernas e desprezo constante pelo preceito da deslocação.

Sobre este último ponto oferece-se-nos uma observação importante e que é indispensável ser atendida de pronto pelos árbitros, cuja missão nos parece da máxima importância no momento actual do «rugby» português; a sua acção deve ser rigorosa, para aprendizagem dos jogadores.

Notamos nas formações, a fase de onde nascem as melhores e as piores coisas do «rugby», o costume de virem os «terceira linha» do lado que perde a bola, esperar por ela a par do médio contrário, portanto em nítida deslocação e impedindo que aquela faça dela o devido aproveitamento. Esta falta raras vezes foi punida pelo juiz da partida — cujo comportamento foi aliás equilibrado e justo — por certo no desejo de não interromper com maior frequência o curso do jogo. Mas os jogadores prosseguem no mesmo erro, convencidos talvez que actuam dentro da legalidade.

SALAZAR CARREIRA

A morte de João Braz

DESAPARECEU há dias um velho companheiro de jornalismo desportivo, que muito prezávamos e cujo trabalho nos mereceu sempre sincero apreço: João Braz.

Camarada devotado, trabalhámos largos anos juntos, em agradável convívio, no «Diário de Lisboa», na «Bola» e também nesta casa, como que formando uma equipa em que a ligação era perfeita. Uma enfermidade pertinaz, a que um espírito boémio e irrequieto acarretou a impossibilidade de cura, nunca o afastou do pontual cumprimento do dever, dando ao seu trabalho argúcia e observação difíceis de igualar.

Recordamos com profunda emoção este belo rapaz de quasi 50 anos, sempre entusiasta mas sempre imparcial, em colaboração com quem fizemos algumas centenas de relatos e reportagens de acontecimentos desportivos. Não voltaremos a ouvir a sua voz grave, o seu dizer certo, sempre com a preocupação de bem servir.

Mas não o esqueceremos. O João Braz que nos acompanhou inúmeros anos, semana a semana, domingo a domingo, atravez dos fios

Algumas reflexões sobre espectáculos e combates de box entre jogadores profissionais

O pugilismo nacional atravessa um período de inação que muito se compara com certa fase crítica periódica. Tanto os jogadores, os árbitros, cronometristas e mais familiares do jogo, como os organizadores, todos parece terem escolhido «quartéis de inverno» para descansar, engordando na mais indolente das passividades.

Trata-se, certamente, de situação transitória e de pequena duração, determinada por circunstâncias independentes da vontade dos interessados. Nem por outra forma se explicaríamos os acontecimentos, nem a míngua de espectáculos nestes últimos meses, se deixássemos de atribuir à inclinação da temperatura, por exemplo, ou a outra causa meteorológica equivalente, o marasmo, a paralisia e esquecimento a que foram votadas as coisas do ring.

Apesar de tudo, dos motivos imprevistos e imperiosos como da dificuldade da resolução, não podemos estar de acordo nem com a apatia dos interessados nem com o seu modo de encarar os acontecimentos.

O que, desde longa data, tem afligido em Portugal o jogo do sóco, atrofiando o seu desenvolvimento e a sua expansão, tem sido, a par de outras causas, a falta de continuidade.

Não persistir, entre portugueses, toma feição de moléstia. Ora o desporto do «boxe» figura em primeiro plano na lista das coisas vitimadas pela aludida doença — e umas vezes o veremos plétorico de vitalidade, mostrando-se sólido e em crescente progresso, outras parado e esquecido, como na ocasião que passa.

Tanto aos jogadores como a todas as pessoas interessadas, desportiva ou comercialmente, na actividade do pugilismo nacional, convém pôr cõbo a um estado de coisas que não beneficia ninguém.

O público será o primeiro a esquecer-se e a não comparecer regularmente na bilheteira se a curiosidade e o interesse próprios deixarem de ser periódicamente espeditados. Bem sabemos que a matéria prima é escassa — mas os espectáculos de organização cuidada, embora modesta, são sempre possíveis.

Além disso, há o recurso de trazer até nós jogadores estrangeiros que esgrimam bem e interessem os verdadeiros amadores e apaixonados pelos combates científicos.

Não devemos esquecer que, há vinte anos, em Portugal, pugilistas como Márius, Mário Gall, Simeth, Vinez e outros mais, bastavam, como figuras de cartaz, para montar um programa.

Quanto aos locais cobertos e confortáveis, onde se torne possível organizar, também não se nos afigura impossível achar solução provisória, aceitável e de acordo com as exigências do público.

Logo, perguntará o leitor, porque não há combates de «boxe» em Lisboa? Será que os Bení Levi, Agostinho Guedes, Augusto de Sousa e outros, crearam um cartel e decidiram descansar das fadigas de uma época movimentada — ou terão os poucos organizadores interessados resolvido suspender uma actividade menos frutuosa?

Não podemos nem sabemos responder a estas perguntas. As únicas reflexões que o assunto nos traz deixámos-las expostas, antes, no texto deste artigo.

O «joco do sóco» não lucra absolutamente nada com a falta de cooperação entre os elementos que podem e, moralmente, devem dar-lhe a indispensável vitalidade. Seria excelente meditar sobre o assunto e recomendar a organização de espectáculos profissionais em Lisboa, antes que o público seja invadido por indiferença total e absoluta...

RAFAEL BARRADAS

de um telefone, sem nos vermos — mas sempre ligados pelo espírito do dever, da camaradagem e da amizade, perdurará no nosso espírito comovido, em maguada saúde...

Um domingo de carnaval dissemos-nos adeus até o domingo seguinte. Este já não chegou!... O carnaval da vida acabara para o João Braz. Paz à sua alma!

NOTAS & COMENTÁRIOS

EUGÉNIO Picardo era um nome caído quasi no ouvido. Foi um dos fundadores do Sport Algés e Dafundo. Companheiro de Besone Basto, compartilhou de alguns dos seus triunfos, com o orgulho legítimo de quem colaborou neles, auxiliando o antigo campeão nos treinos. Passou também pelo Clube de Foot-ball «Os Belenenses». A doença levou-o para a Malveira. Não esqueceu nunca o clube predilecto — e este e alguns sócios souberam-o acompanhar na doença.

Pois o Picardo morreu há dias, na Malveira, longe de Algés... Que descanse em paz! Ao Algés e a Besone, as nossas condolências.

HÁ problemas abandonados que vão surgindo a pouco e pouco. Eduardo Lemos, o excelente avançado centro da Associação Académica, numa entrevista concedida ao nosso prezado colega «Norte Desportivo», refere-se à desvantagem com que vão para o campeonato nacional os clubes de manifesta supremacia nos regionais, sem o treino que resulta de uma competição disputada entre clubes de valores nivelados.

O problema já foi posto em público — mas para libertar dos campeonatos regionais os clubes da I Divisão. A prova é dura e prolongada. O campeonato e a «Taça de Portugal» bastariam para preencher a época oficial.

UMA notícia de grande sensação deu-a há dias o nosso prezado colega «Diário Popular»: o Atlético vai ampliar o campo da Tapadinha, transformando-o no mais amplo e completo estádio cidadão. Segundo o mesmo jornal, encontra-se tudo preparado para a realoção.

Felizjamos com a novidade. É bem certo que a união faz a força. Antes um clube forte, que dois fracos...

ENQUANTO o Atlético, em monção favorável da propaganda e expansão, se propõe alargar o seu campo, o Belenenses corre o risco de encurtar o estádio «José Manuel Soares», para a duração de uma das ruas que o ladeia.

Desejamos, sinceramente, que a notícia não se confirme, ou que o Belenenses tenha facilidade em encontrar solução que não allere o aspecto geral do campo.

CAIU uma onda de mau tempo sobre os campos de futebol, no penúltimo domingo. E porque a chuva apareceu um pouco de surpresa, foi um desastre.

Em Lisboa e no Porto, que dispõem de campos com algumas comodidades, o público apareceu e as receitas escaparam. Na provincia, foi pior. Em Beja e Elvas, por exemplo, a iniciativa de jogos particulares redondou em autêntico fracasso, sob o ponto de vista financeiro.

HANDBALL

A meio do caminho,
o Unidos vai à frente

COM dois jogos em atrazo por motivo da chuva e que devem ser marcados para domingo que vem, o campeonato de Lisboa atingiu o meio da sua rota—e nestas duas últimas jornadas sofreram farto debaste as aspirações dos concorrentes.

O Unidos, com por cento vitorioso, leva dois pontos de avanço sobre o Estoril, cinco sobre o Sporting e seis sobre o Belenenses; os outros — mais distanciados ainda. Com estes números pode normalmente reconhecer-se que o destino do campeonato está pendente da luta entre os dois primeiros, embora estejamos certos de que a decisão há-de sofrer precalços, pela interferência de alguns dos outros participantes.

Ainda no domingo passado se pôde assistir a espectacular exibição entre o Estoril e o Benfica, com abundante marcação nas duas balizas e incerteza no resultado até aos minutos finais.

Também o Belenenses encontrou séria dificuldade para ganhar a «Os Treze», que por duas vezes se adiantou na pontuação, no início do desafio e no começo do segundo tempo.

O jogo do «guia da classificação» com os sportingistas, tido de antemão como o mais importante da jornada, pois uma derrota dos «unidos» alargaria o lote dos candidatos ao título, mostrou afinal a incapacidade «leonina» e deu pior exhibição do que, por exemplo, a partida disputada no Campo Grande.

O Unidos, ganhando por 4-2, depois de ter chegado a 3-0, aproveitou-se da maior veloci-

dade dos seus avançados, que frizou o contraste com a confusa mecânica atacante do Sporting, onde só apareceu vivacidade quando nela foram incluídos, em substituição dos interiores, dois médios titulares — Montalvão e Correia Cesar.

Embora as suas consecutivas vitórias contradigam esta suposição, declaramos que o Unidos não conseguiu dar-nos ainda a impressão dominante de provável vencedor; a equipa tem modicidade, um óptimo médio-centro, defesa segura, mas que é de todas as que jogam em Lisboa a que mais agarra e mais duro entra ao adversário, e uma toada geral definida mas que se pode classificar de sistema de «basket» enxertado no «handball». Talvez por esta razão não seduz muito mais ver jogar o Estoril ou o Benfica, que consideramos os dois grupos que possuem actualmente melhor sentimento técnico do jogo largo e da demarcação a fugir ao choque.

O encontro entre ambos, com vitória dos «estorilenses» por 9-7, depois dos «encarnados» terem tido 4-2 a seu favor, valeu a viagem ao Campo Grande e fez-nos pensar que o Unidos, durante a segunda volta do campeonato, terá de visitar o Estoril, o Sporting, o Belenenses e o Benfica...

Não se lhe pode considerar a tarefa fácil. Os campeões actuais bateram «Os Treze» por 5-3, no seu terreno das Salésias, em luta equilibrada, que se resolveu pela diferença do poder realizador dos dois quintetos atacantes; o jogo teve um pormenor invulgar, que adveio das novas instruções disciplinares indicadas aos árbitros, e foi a punição, com lance livre, de todos os jogadores que no decurso das fases gritavam a chamar a atenção dos companheiros ou a discutir entre si as jogadas contrárias ao seu critério de aplicação.

O programa de domingo completou-se com o encontro Marvilense-Internacional, que o primeiro ganhou por 9-0, simplificada a sua tarefa pela inferioridade numérica do adversário, que apenas conseguiu reunir nove homens.

Merece reparo especial — de admiração e louvor — a dedicação evidenciada por alguns árbitros, que sacrificaram à modalidade todo o seu dia, coadjuvando-se mutuamente na direcção das partidas: quando um apitava, os outros dois desempenhavam as funções de juizes de linha.

A Associação dispõe, infelizmente, de poucos árbitros e alguns julgam desmerecer das suas prerrogativas accedendo a coadjuvar o trabalho dos colegas. Errada interpretação de direitos, que põe em foco a atitude daqueles cujo entusiasmo desportivo permite a actividade regular e metódicamente orientada no «handball» em Lisboa.

ESSECE

PARA ENTRETER

enquanto as pistas descansam

(Conclusão da pág. 2)

Ocupámo-nos recentemente, com elogio, do seu último livro sobre atletismo. Agora começou em «Stadium», um dos periódicos em que colabora, uma série de interessantes artigos sobre divulgação da técnica atlética.

«Por considerá-lo de grande utilidade para os nossos saltadores em comprimento, transcrevemos parte do seu trabalho sobre «Os 4 mandamentos do saltador em comprimento.»

«Gols» transcreve a seguir, em tradução integral, os quatro pontos essenciais do trabalho citado e inserto nas nossas colunas.

Também de Coimbra, Braga e Pôrto recebemos elogiosas palavras acerca destas crónicas.

Da capital do Norte dizem-nos mesmo: «Os artigos do dr. Salazar Carreira estão a fazer um sucesso verdadeiramente invulgar. Todos os entusiastas pela modalidade os apreciam e afirmam que só a «Stadium» se tem preocupado, desta maneira construtiva, com a técnica do atletismo. Além de profundas em conhecimentos, as crónicas do dr. Salazar Carreira são acessíveis a todas as culturas.»

A todos agradecemos as palavras amigas que nos dirigiram — mas que endereçamos, por elemento de camaradagem e justiça, ao nosso prezado camarada dr. Salazar Carreira.

JOGOS DA A. F. L.

À base de energia e entusiasmo,
o Fósforos venceu o Estoril Praia
no segundo jogo de passagem

A energia, o apêgo ardoroso à luta e a vontade forte de vencer, são, no futebol, predicados que bastem para levar um «team» à vitória? Algumas vezes tem sido abordado este tema. Quanto a nós, parece-nos que, se não na totalidade, muito contribuem, no entanto, para conseguir as mais inesperadas reviravoltas.

A expectativa que há três anos seguidos se mantém nos jogos de passagem de divisão entre o Fósforos e o Estoril Praia, tem-se rodeado vincadamente deste pormenor: A luta pelo cobizado lugar tem sido reñida, entusiástica — mas ao fim e ao cabo os estorilenses têm perdido a «chance» em favor dos briosos rapazes de Marvila.

O jogo de domingo passado, no campo Carlos Salama, foi prova elucidativa das características especiais que animam o futebol exibido pelo Fósforos. Jogo rápido, incisivo, em que se dá tudo por tudo. E por mais bem delineado que seja o esquema a desenvolver, é certo que, pelo menos no seu campo, a energia, rapidez e vontade dos donos da casa destrói todos os sistemas delineados pelo adversário.

Atingida a meia hora do segundo tempo, não havia duas opiniões sobre de que lado estava a justiça do resultado final do jogo. E neste encontro nem só o número de bolas enfiadas nas redes do vencido traduzem a verdade do que se passou entre os dois «teams» em campo. Mais do que isso — os «goals» foram a causa natural da superioridade do Fósforos — os marvilenses impuseram-se pela vantagem constante exercida no decorrer dos noventa minutos.

Aos 6 minutos já havia um grupo em vencedor dando bem a ideia do andamento inicial do encontro. Começou assim a desenvolver-se a vantagem do Fósforos, impedido a cada momento que os estorilenses fizessem valer o seu jogo, sem dúvida de melhor técnica.

Não se desprenda desta apreciação que o Estoril Praia sobressaía em frente do adversário: «Conseguiu, tanto quanto lhe foi possível, suportar as características de jogo que o Fósforos impôs, aparecendo até mais vezes em frente das redes de Valongo.

Ao intervalo, o marcador assinalava 3-0 a favor do Fósforos e aos 25 minutos da segunda parte estava feito o resultado: quatro «goals» sem resposta, obtidos da melhor forma por Ferreira da Silva (2), Alvaro Pereira e Correia Pinto.

O Estoril Praia também teve oportunidades de «goals». Mas estas só teriam baixado o desnível do resultado, pois os dois tentos que pareciam feitos falharam por um triz...

A dificuldade que se esperava para os estorilenses no jogo de Marvila não foi transposta. Uma vitória para cada «team» obriga a novo jogo, no próximo domingo. A expectativa mantém-se.

F. SÁ

II Divisão do Nacional

(Conclusão da pág. 6)

Na 2.ª sub-série da 2.ª série, o empate (2-2) entre o Leixões e o Boavista deixou os dois grupos em igualdade de pontuação... e em sobressaio para a próxima jornada. O Sporting da Cruz e o Infesta, ambos em casa, obtiveram mercedas e esperadas vitórias.

Na série 4, do grupo B, a jornada foi dos mais fracas. O União de Coimbra, ou confiou demasiadamente no seu valor ou não encorou a luta contra o Anadia com o devido interesse. Só assim se compreende a sua derrota. E o Sport Conimbricense alcançou prémio merecido da sua boa vontade e desportivismo, com uma vitória convincente, sobre o Naval da Figueira da Foz.

O apuramento do finalista da série 12, entre o Juventude de Évora e o Lusó de Beja, vencedores de cada uma das sub-séries teve interesse. Mas os shorenenses comprometeram seriamente as suas aspirações. Deixando que os bejenses os batesses na sua casa (4-1) como se há-de pensar que, no próximo domingo, em Beja, anulem a desvantagem?

Na série 13, estiveram em evidência os dois clubes do Algarve. O Farense teve adversário mais difícil — o Lusitano — mas atenuou essa circunstância por jogar em casa. Ganhou (2-1), mas em condições de deixar supor luta bastante equilibrada. E o S. L. Faro, mais em evidência no «nacional» de que no «regional» deu, igualmente, boa conta de si, derrotando em Vila Real o Glória (2-1).

ZÉ DO PEÃO

ANO XII—Lisboa, 8 de Março de 1944—II SÉRIE—N.º 66

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 51146—LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na

GRAFICA SANTELMO—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

F. C. do PORTO-OLHANENSE: 1—Abraão lança-se para evitar o remate de Araújo—o mareador dos três pontos do seu clube (Foto Hermann). BENFICA-ACADEMICA: 2—Martins, oportuno, arrebatou a bola a Micael; 3—Lemos remata de cabeça—mas muito por alto (Fotos M. Carvalho).

JOGOS DE PASSAGEM DA A. F. L.

FÓSFOROS-ESTORIL PRAIA: 4—Um instantâneo involuntário, que foca a energia com que jogou a linha avançada de Marvila; 5—O esforço do guarda-redes do Estorilense não chegou para evitar mais o 4.º ponto da tarde



Campeonato Nacional de Florete

(Continuação da pág. 5)

estava convenientemente preparado. Bom floretista, pôs à prova os seus recursos; mas ainda inferiorizado fisicamente, devido a uma pancada recebida no ante-braço direito. Carlos Dias, um espadista que consegue sempre aceitável adaptação à difícil técnica do florete, esteve talvez ligeiramente acima do seu nível normal nesta arma.

Henrique Santos, nome já conhecido no nosso meio através dos seus êxitos nos torneios norte e sul-americanos, é um atirador combativo, impetuoso mesmo, cheio de qualidades e intuição, mas com defeitos patentes. A sua técnica — a cultivada pela escola italiana — que o leva a fazer da arma como que uma só peça com o ante-braço, tira-lhe todas as possibilidades de «doigté» e leva-o à pouca limitação da parada, dificultando-lhe a saída para as respostas, que chegam na quase totalidade em «plaqué» ou com direcção má. Exerce domínio no combate aproximado mas ataca com menor eficiência, sem aproveitar as suas possibilidades de alcance, apesar de rápido. Pode surpreender de início mas não resiste a uma boa infiltração de ponta. Deve corrigir o hábito de voltar as costas, que só o prejudica. No entanto, podia ter obtido melhor classificação.

Andrade Barreto, com a sua habitual rapidez e fogosidade, será um floretista difícil quando «sincronizar» a acção do jogo de pernas com o manejo da arma. Adversário sempre perigoso, inflingiu ao novo campeão a sua única derrota.

Cruz Ferreira reapareceu, como já dissemos, após dois anos de ausência nos trópicos. Regressado há pouco, concorreu a este torneio por mero espírito desportivo e sem preparação alguma. Precisamente por isto, as suas qualidades de esgrimista estiveram patentes mais de uma vez, até o ponto de não ser muito lógica a sua classificação. Prová-lo-á em futuras competições.

Avelar Machado



DOIS ACONTECIMENTOS DE DOMINGO PASSADO

COMEÇOU O CAMPEONATO DE LISBOA DE «RUGBY»: A A. R. L. deu início ao 14.º campeonato regional. Publicamos dois instantâneos (1 e 2) colhidos no jogo Benfica-Sporting, que os leões ganharam por 8-6.
MAIS SETE UNIDADES AO SERVIÇO DO CENTRO DE CANOAGEM DA «MOCIDADE»: Na presença dos srs. ministro e sub-secretário da Educação Nacional e comissário nacional da «M. P.», efectuou-se em Pedrouços o lançamento à água da vedeta «Já vamos» e de seis canoas. As fotografias mostram a chegada das entidades oficiais (3) e um aspecto do Tejo após a cerimónia (4).



A Associação Portuguesa de Amadores do Bilhar, fiel à sua promessa de organizar campeonatos de todas as modalidades, iniciou no dia 1.º o Torneio de Classificação ao quadro de 45, a dois golpes. Disputaram a partida inaugural, no Salão de Bilhares do Rossio, os srs. dr. Rogério de Miranda e Vasco de Albuquerque, sob a arbitragem de João Pereira, do conselho técnico daquele organismo e conhecido «as» nacional do tacco. Como dissemos, a propósito do Torneio de Classificação de jogo por tabela, que precedeu a prova em curso, este género de competições visa a proporcionar o conhecimento da capacidade dos nossos bilharistas amadores, nas diversas modalidades de competência admitidas em campeonatos internacionais, além de constituir o processo mais seguro de os levar a treinar-se convenientemente e dificultar a revelação de jogadores apenas conhecidos na estreita roda dos seus companheiros de sala de bilhar. Além do que, importa realmente criar nos nossos elementos de melhor futuro o hábito de actuarem na atmosfera dos campeonatos, sabido como é baixa sensivelmente o rendimento de qualquer jogador quando em exibição oficial e rodeado de público.

Constitui o quadro 45/2 uma especialidade de jogo assás delicada, e que exige, a par de múltiplos e subtis recursos de tacada, um apurado sentido de condução em ordem a uma colocação das bolas viabilizadora do maior rendimento possível. Tem interesse notar que foi justamente a prática do quadro 45/2, modalidade criada para matar as grandes séries, as monotónicas séries astronómicas da *partida livre*, que levam à invenção da *série da linha*, hoje a técnica geralmente seguida para dominar as dificuldades derivadas da regra «*entrou e dentro*», com um rendimento de «*tacada*» que já ultrapassa as 200 carambolas para os maiores ases internacionais. Agora mesmo, acaba de suceder que o máximo do nosso especialista do quadro pequeno, o arquitecto José Amado, o qual se computava em 200 carambolas, foi batido pelo brilhante Albern, que alcançou a marca de 256 — duas autênticas «*performances*», que não são todavia, rigorosamente, *records* nacionais com registo na Federação Internacional (para que isso aconteça!) só porque se não verificaram no decurso de qualquer campeonato oficial ou em partida oficialmente requerida e assistida para tentativa de *record*.

A modalidade, porém, admite outros processos para a subjugar nas reais dificuldades que a condicionavam, e daí, também, digamos deste modo, um certo interesse de competência de escolas. Assim, a *série da linha*, conduzida com as bolas 2 e 3 a cavalo na linha maior e chamada à tabela grande mais próxima, é preferida por alguns jogadores a concentração das bolas no rectângulo central de uma das cabeceiras, sustentando-a com chamadas penulares sobre as duas tabelas maiores, a mesma maneira podendo ser adoptada utilizando o compartimento mais amplo (o rectângulo do meio da mesa) para o desenvolvimento da série.

Pode ainda citar-se o processo do famoso Conti, que consiste em fabricar a série no rectângulo central, com auxílio de todas as tabelas para a reposição da bola 2, talvez o mais brilhante e emotivo de todos, mas cujas dificuldades só podem ser completamente vencidas com o necessário êxito quantitativo pelo talento de um — Conti.

Este simples enunciado das várias cambian-

tes técnicas mais usadas no quadro 45/2 basta, por conta, para dar noção da delicadeza da modalidade e da firmeza de execução que ela requiere para tornar-se largamente produtiva. Tanto quanto a série americana é o ponto «*a*» jura do bilhar, é o quadro 45/2 renda de carambolas...

A prova que decorre reúne elevado número de jogadores, revelador do entusiasmo que vão despertando já as competições bilharísticas no meio lisboeta. Aquelles jogadores repartem-se por três salas de bilhares pela seguinte forma:

Sala da «Brasileira» — Série A: Salvador Azancot, Mateus Grilo, Rodolfo Bogonha, Álvaro de Carvalho, dr. Jacome Delfim, Emílio Quelhas e António Santos. Série B: José Cunha e Costa, dr. Moniz Pereira, Raúl Mesquita, Armando Gomes, Fernando Aboim Sarzedas, dr. Lidio Amado e Joaquim Pisarra. Série C: D. Tomaz de Almeida, J. S. Castelo Branco, Hermann Baruch, dr. Oiveira Jardim, George Robert Duff, dr. Manuel Vaquinhas Cartaxo e Belo Redondo.

Sala da «Portugália» — Alfredo Alinho, dr. Francisco Branquinho, Jorge de Oliveira, Carlos Vivaldo, Américo Torres, João A. Pulido Garcia e Nelson Lopes Pereira.

Sala dos «Bilhares do Rossio» — Armando Reis, Fernando de Carvalho, Vasco Albuquerque, A. Santos Henriques, Silva Ramos, Luiz de Aquino, António Melo de Carvalho, dr. Rogério de Miranda, Eduardo Ribeiro e Luiz Rosa.

As partidas são disputadas às 200 carambolas, no bilhar «*match*» (mesa grande). As médias gerais que qualificam os jogadores para a sua arrumação nas várias categorias são as que seguem: igual ao superior a 12 carambolas, para a 1.ª categoria; igual ou superior a 7 e inferior a 12, para a 2.ª categoria; inferior a 7, para a 3.ª categoria.

Pelo sr. Hermann Baruch foi oferecida uma taça para ser disputada entre os concorrentes que compõe a série C da «Brasileira».

NA III DIVISÃO DA A. F. L.

Desportivo dos Olivais e Parede vencedores dos respectivos núcleos

TERMINOU no último domingo o campeonato da III Divisão da A. F. L., que, este ano, dada a igualdade de valores se revestiu de particular animação, a ponto de, no núcleo Lisboaeta, a posse definitiva do título se resolver na última jornada. A última jornada apresentava jogos perigosos para o Desportivo dos Olivais e para o Cascalheira, empatados na tabela da classificação. O Cascalheira, não conseguindo resistir ao impeto dos rapazes do Arroios, perdeu, no campo d'este, por 2-1, vendi fugitivo, assim, todas as suas esperanças e aspirações. Veio, afinal, após um campeonato brilhante, a perder na última jornada, com um dos adversários menos perigosos, mas, é certo, capaz de algumas surpresas...

O Desportivo dos Olivais foi mais feliz. Recebendo no seu campo o Desportivo Operário, conseguiu terminar empatado a duas bolas. E, assim, ganhou o campeonato da III Divisão da A. F. L. (núcleo de Lisboa). É o justo prémio do esforço desenvolvido pela colectividade há já alguns anos, permitindo-lhe quebrar a tradição do segundo posto na classificação geral, e saborear, pela primeira vez, um título que merece em absoluto.

No campo da Estrela, o Palmense venceu o Amadora por 3-2, ocupando, assim, o segundo lugar na classificação geral.

Em reservas, o triunfo pertenceu ao Palmense, por larga margem de pontos.

Vencendo o Sintense por 5-2, o Parede triunfou no torneio recente, com indiscutível brilhantismo. E durante a prova teve, justamente no Sintense, seu adversário de domingo último um dos mais perigosos competidores. A vitória de domingo último foi, porém, indiscutível, e o Parede merece com inteira justiça o título alcançado.

Outros resultados: Cascais, 9 — Carcavelos, 1; Oelras, 2 — Paço de Arcos, 1.

O Parede é, também, o campeão de reservas, em virtude da sua vitória sobre o Sintense por 5-1.

Os campeões dos respectivos núcleos estão apurados. Mas qual será o campeão absoluto da III Divisão — Olivais ou Parede?

A pergunta fica de pé, à espera do jogo decisivo que ditará se o título este ano vem para Lisboa ou vai para a Costa do Sol... — A. T.

As vitórias do Belenenses e do C. A. C. O., sobre o Atlético e o Algés, foram as notas salientes da série ultimamente disputada

A 7.ª série do campeonato teve, na sua primeira jornada, as vitórias imprevistas do Operário e do Belenenses sobre o Rio Seco e o Atlético. De facto, a acção do Rio Seco nos jogos anteriormente disputados, e a sua vitória sobre o Lisgó, faziam-no favorito neste encontro, embora se esperasse sua réplica do Operário, como é uso deste clube. Na primeira parte do encontro, observou-se realmente vantagem do Rio Seco, logo diminuída e dentro em pouco anulada nos primeiros minutos da segunda. A vitória, sempre indecisa para o final do encontro, alterou continuamente para ambos os lados, até que dois «*setos*» do Operário consolidaram definitivamente o resultado a seu favor. Encontro bastante animado, teve, como principal factor, a energia despendida por ambos os contendores.

Raras vezes um grupo, em face de um desvantagem tão grande ao quarto de hora, poderá arrancar a vitória com tanto brilho como o Belenenses Atlético, firmando nítido ascendente logo de entrada, em parte devido à má acção de Esteves, que se mostrou de morosidade excessiva, depressa marcou 14 pontos sem qualquer resposta do Belenenses. As substituições efectuadas aos 12 minutos, de Esteves e Domingues por Natividade e Rómulo, foram da máxima utilidade para a equipa azul que chegou ao intervalo, após ter marcado 8 pontos, sem que os «*Atléticos*» tivessem obtido mais algum. Voltando, continuou a impôr o seu jogo com entusiasmo, arrancando esta vitória, com brilho, de possíveis consequências para os campeões de Lisboa, que vêm assim extremamente diminuídas as suas possibilidades de conquistar novamente o primeiro lugar.

A encerra esta jornada, o Carnide bateu o Maria Pia por «*score*» bastante expressivo, indicativo suficiente da diferença das respectivas classes, sem que os campeões nacionais se empregassem a fundo. Faria e Cruz foram à porfia avolumando o resultado, devendo registar-se os belos lançamentos directos deste último. A segunda jornada foi sobretudo por jogos disputados com entusiasmo, dos quais sobressaem, pelo imprevisto do resultado, o encontro entre o Algés e o Campo de Ourique.

O Algés, em noite infeliz, foi batido pelo C. A. C. O., que, fazendo exhibição meritória, conservou sempre a margem de pontuação arrancada de início, mantendo-se, portanto, em vencido.

A vitória do Unidos sobre o Sporting foi obtida naturalmente, sem grande alarde técnico, em que há apenas a notar o apêgo à luta mostrada pelos unionistas Arlindo e Fernandes e pelos sportingistas Pinho da Rocha e Campos. O resultado, após alterações constantes, só a partir de 27-23, a favor do Unidos, tornou maior vulto, terminando por um «*score*» que adapta perfeitamente ao jogo desenvolvido.

A nova derrota do Lisgó é dívida mais à infelicidade de Vicente e Parada, que a uma superioridade nítida do Benfica, como o resultado faz supor. Embora os «*encarnados*» tivessem desenvolvido jogo de melhor labor técnico e merecido com inteira justiça a vitória, a diferença de pontuação verificada não se adapta ao desenrolar da partida.

A classificação ficou como segue: Unidos, 21 pontos; Carnide, 19; Benfica, 16; Algés, Atlético, Belenenses e Sporting, 15; C. A. C. O., 12; Lisgó, 11; Maria Pia, Operário e Rio Seco, 9 pontos.

Nada menos de cinco grupos disputam o 3.º lugar com vista ao campeonato nacional. Campo de Ourique e Lisgó jogem ao 9.º lugar que fará baixar de Divisão; e Unidos e Carnide aprestam-se para disputar o título de campeão — que poderá ser decidido no jogo a realizar entre estes dois grupos.

Nos jogos disputados domingo passado para o campeonato da 1.ª Divisão, saíram vencedores Casa Pia, Braço de Prata, Moscavide e Ateuense, respectivamente do Boa Hora, C. I. F., Pedrouços e Campolide; Lisboa Gimnásio e Nacional empataram num jogo movimentado e cheio de animação.

Os resultados ajustam-se perfeitamente ao desenrolar dos encontros, devendo no entanto salientar-se a vitória do Ateuense, obtida após ter estado a perder por uma diferença de nove pontos.

Classificação: Braço de Prata, 13 pontos; Moscavide, 12; Ateuense, Casa Pia e L. G. C., 10; Campolide e Nacional, 9; Boa Hora, 6; Pedrouços, 5 e C. I. F., 4.

A Faculdade de Ciências ganha o campeonato Universitário

Com a vitória da F. de Ciências sobre Agronomia, terminou o campeonato universitário organizado pela Associação Escolar do Instituto Nacional de Educação Física, por delegação do Centro Universitário da «*Moçidade Portuguesa*».

A competição, disputada regularmente segundo o programa previamente estabelecido, foi ganha com mérito absoluto pelo grupo representativo da Faculdade de Ciências, que viu traduzida por vitórias todos os jogos realizados. Possuidora de elementos categorizados que disputam o campeonato da A. B. L. — Lenine, Mostalvão, Câmara e Sousa e Valente — a equipa de Ciências não deu o rendimento que de tal faculdade poderia esperar-se. Ao invés, o grupo do I. N. E. F. foi o que, dos sete concorrentes inscritos, melhor conjunto mostrou, merced da preparação técnica e física a que os seus jogadores estão sujeitos.

Económicas e Financieiras mostrou-se igualmente grupo de forte acção, no qual há a destacar o trabalho de Honero e Campos.

Agronomia ressaltou-se do enquadramento de elementos de discordante exhibição, provocando consequentemente exhibições de desigual valor.

Técnico e Colonial mostraram-se os mais fracos dos grupos inscritos, a que se deve juntar o de Direito, que nos dois últimos encontros disputados se mostrou inoperante, embora cheio de vontade.

A classificação final: Ciências, 18 pontos; Económicas, 16; I. N. E. F., Agronomia e Técnico, 12; Colonial, 5; e Direito, 2.

JOÃO ASSUNÇÃO

Tenente-coronel Salvação Barreto

O illustre Director Geral de Educação Física e Desportos, sr. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, acaba de ser nomeado presidente da Câmara Municipal de Lisboa, deixando as elevadas funções de director dos Serviços de Censura. Com os nossos desejos de que S. Ex.ª seja feliz no desempenho do novo lugar, para bem da cidade e do desporto local, congnamos o nosso agradecimento pelas deferências com que tratou sempre a Imprensa no melindoso cargo de director da Censura.

Breves apontamentos sobre a prática do «cross»

COMO estamos em plena época de «cross», parecemos oportunos estes breves apontamentos, para os quais chamamos a atenção dos jovens praticantes desta salutar especialidade atlética.

O «cross» é o desporto ideal de inverno, tanto para os corredores de pista de «fundo» e «meio-fundo», como para os praticantes das provas de velocidade, saltos e lançamentos. Mas é evidente que se aos primeiros interessa o «cross» como competição, aos segundos só convém como meio de preparação para a época de pista. Ao contrário do que pensa muita boa gente, ao corredor de velocidade não se salta, ou mesmo ao lançador, não é nada prejudicial a prática do «cross», desde que esta não seja feita com carácter de luta por uma classificação.

Quere isto dizer que aos atletas incluídos neste grupo são de aconselhar certas cautelas com as corridas «através dos campos», cautelas essas que vão desde o equipamento até ao traçado do terreno e à distância a percorrer. Esta, só raras vezes e em condições excepcionais deve ir além dos 2000 metros. E quanto ao traçado do terreno, impõe-se que não ofereça obstáculos perigosos a vencer. (Repárese-se que falamos de «obstáculos perigosos» e não de «obstáculos difíceis»).

Sobre o equipamento — pormenor de real importância a ponderar — julgamos por bem indicar o uso de um bom fute de treino, que agasalhe convenientemente o tronco e os membros.

Quanto ao andamento da corrida, deve ser de molde a permitir o fácil acesso a todos os que tomam parte nela. É de aconselhar que estas provas terminem num campo de futebol ou numa pista de cizua, onde todos os concorrentes tenham possibilidades de fazer um final em velocidade prolongada — 300 a 400 metros.

Depois da corrida, evitar qualquer resfriamento, redobrar o agasalho e tomar um duchão de água tépida. Voltar, em seguida, a cuidar do agasalho.

Estas provas de preparação em corridas através dos campos, feitas sem preocupação de «tempo» e de «posições», servem admiravelmente o atleta de pista no aumento da sua resistência pulmonar, e podem servir também para cuidar, tecnicamente, do trabalho de braços, da passada e do ritmo respiratório.

Por último, diremos que estas corridas devem ter lugar aos domingos pela manhã — ou seja uma vez por semana — e quando a chuva não caia com muita insistência.

No «cross», pois, têm os nossos corredores de velocidade, saltadores e lançadores um bom meio de preparação, a utilizar enquanto a época da pista está distante.

Quanto ao «cross»-competição, está indicado ser de aconselhar aos corredores que fazem em pista, habitualmente, provas de «fundo» e «meio-fundo». E para estes já no nosso livro «O Atletismo» deixámos elementos de divulgação técnica essenciais.

Contudo, não queremos deixar de voltar a focar o pormenor dos obstáculos, causa do fracasso de tantos atletas consagrados.

Em Portugal não se usa colocar no percurso obstáculos artificiais, mas a maior parte das vezes os naturais abundam.

O atleta não deve hesitar perante um obstáculo, pensando rapidamente na melhor maneira de o passar, que deve ser sempre a menos perigosa.

Quantas vezes o corredor prefere dar um salto para «andar» mais depressa, e acaba por cair, atrozando-se, enquanto outro, que tremeu com precaução, foi mais calmo e raticinou melhor sobre as condições do obstáculo a vencer, continua bem colocado na prova!

Não há método certo para galgar os obstáculos, especialmente se forem naturais. Contudo, o atleta deve lembrar-se sempre de que terá vantagem quando o fizer cuidadosamente e da maneira menos perigosa — portanto com mais garantido êxito.

EDUARDO SOARES

Notas... sem valor...

HÁ grupos verdadeiramente infelizes... Neste pormenor, o Académico leva a palma na pouca sorte. No encontro com o Leão os «alvi-egros» não deixaram de sentir o «ar da infelicidade».

Muita «mistura» — e um jogo de acôrdo com o tempo —

— A Comissão Central dos Arbitros de Futebol indicou para o jogo Académica-Benfica um árbitro português, que alguns teimam em não considerar como elemento conhecedor: Aóisio Morgado. Entretanto, a nomeação foi bem recebida por quem sabe avaliar os conhecimentos técnicos deste árbitro.

— Grande «selumta» entre os «juniores». Parece que as coisas não estão muito certas no capítulo jogadores. Uma das equipas vai perder alguns jogos por certa inscrição de um jovem. A pontuação deve, pois, sofrer alterações. Vamos a ver o que resulta do esclarecimento das coisas...

— Não há transferências, afirma-se. Mas o trabalho de «espaço» continua. Agora garante-se a mudança de ares de um conhecido avançado português. Realmente o Miúdo é muito lido...

— Boa «laracha» a daquele senhor que escreveu ao nosso camarada Tavares da Silva, dizendo-o inimigo do F. C. P. Só a rir se pode admitir tal «atrocidade»...

Tavares da Silva, que tem o seu nome feito como crítico, está acima destes ataques, porque não são a expressão da veracidade. Seria interessante que esse «acérrimo defensor do F. C. P.» se desse ao cuidado de ler as colecções de um vespertino da capital e anotar que, há anos, quando o F. C. P. atravessava uma crise mais grave do que a actual, esse inimigo do F. C. P. afirmava a sua convicção do clube ter ainda estôfo para ser uma boa equipa. Dessem tempo ao tempo. E isso foi uma verdade, pois o campeão do Porto, tendo passado o torneio maior a vencer, não figura irregular, provou depois, na «Taça de Portugal», que Tavares da Silva tinha razão. Ele tinha visto bem as coisas: enquanto todos «batiam», previa a recuperação. E é este o inimigo do F. C. P.!

O «hand-ball» português está de parabéns — e nós regostamo-nos duplamente com o facto!

DESPORTO CORPORATIVO

A maneira como deve ser concebido e organizado o desporto corporativo — ou desporto inter-profissional — estabeleceu, dentro do ambiente próprio e restritamente interessado, duas correntes de opinião, que se baseiam, na forma como pretendem ver praticada essa actividade, no critério a adoptar para a admissão de praticantes.

São dois os aspectos do problema, que geram duas formas de ver inteiramente diferentes, com larga margem de adeptos de cada lado, degladiando-se entre si, até que uma disposição oficial — quanto a nós indispensável — venha pôr termo na questão em debate.

Qual é o pomo da discórdia?

Este, somente: enquanto uns entendem que o desporto corporativo deve ser praticado única e exclusivamente por elementos que não estejam filiados em organismos ou clubes que disputam torneios oficiais ou oficializados, outros pretendem que o desporto corporativo seja aberto a toda a gente, desde que seja trabalhador ou filiado nos respectivos sindicatos de profissão.

Há ainda um terceiro ponto de vista, este mais restritivo: é o de que não deve agir no desporto corporativo um indivíduo que tenha sido praticante em clubes filiados em qualquer das várias associações regionais desportivas.

Claro que o desporto corporativo está subordinado à F. N. A. T. e só esta poderá estabelecer um critério uniforme, para ser observado por todos aqueles que nela se filiem com o fim de praticar desporto. No entanto, cremos que nada está ainda estabelecido, com carácter oficial, a esse respeito.

Por isso, os nossos comentários são feitos partindo do princípio que a F. N. A. T. tem já um ponto de vista definido, mas a que falta ainda a sanção oficial da Direcção Geral dos Desportos, à qual a F. N. A. T. deve acatamento pelo que toca ao seu pelouro de Educação Física.

Ocupar-nos-emos, em pormenor, deste aspecto do desporto — mas queremos frizar desde já uma faceta que não deve ser esquecida: o de defender os interesses dos grupos corporativos da ganância dos clubes profissionais, chamemo-lhe assim.

Estar a F. N. A. T., ou os grupos nela filiados, a trabalhar dentro de um são princípio, para, mais tarde, vir um «apapão» e fazer perder todo o trabalho, parece-nos motivo para cuidado especial, acatando o êxito da finalidade que se pretende atingir com a criação do desporto corporativo: dar ensejo ao trabalhador para que, recreando o espírito, fortifique o corpo.

Não é sem razão que apontamos este pormenor, porque sabemos que maus pensamentos germinam no cérebro de certos dirigentes dos grandes clubes — coisas aliás muito de esperar, quando se verifica que a matéria prima está a falhar cada vez mais e o que existe é fraco e mau...

O desporto corporativo pode ser qualquer coisa de bom e de útil para os trabalhadores portugueses; mas urge que sejam acutelados devidamente dos «cantos de sereias» e de certos namoros pretenciosos e enganadores...

MÁRIO AFONSO

MÁRIO AFONSO

Foi indicado para a Comissão Central de Arbitros de «hand-ball» o nosso estimado companheiro de trabalho Mário Afonso, notícia que os meios desportivos do Porto receberam com viva simpatia.

O «hand-ball» noriense não podia, na realidade, ser melhor representado naquilo importante organismo, já pelo justo prestígio desfrutado por Mário Afonso, já pela competência técnica que este nosso camarada pôs à prova como jornalista, professor da escola de árbitros e seleccionador do grupo representativo da região noriense.

Acérrimo propagandista do «hand-ball» quando a modalidade ensaiava os primeiros passos no País, o activo delegado da nossa revista no Porto bem merece a escolha que o distinguia, que deve interpretar-se como homenagem ao seu recto carácter e aos seus conhecimentos na matéria.

O «hand-ball» português está de parabéns — e nós regostamo-nos duplamente com o facto!

REVISTA DA SEMANA

Disciplina

A PESAR de todas as medidas atinentes a trazer aos campos desportivos a boa disciplina exigida aos praticantes, sem a qual a própria ideia do desporto não pode ter futilidade e ser um valor a tomar em conta, os incidentes multiplicam-se.

Mais do que o futebol, outras modalidades estão a exigir aturada vigilância, por parte de quem do direito, entendendo-se além dos jogadores, porque nem só estes são os principais responsáveis pelos incidentes que se registam.

Mais do que o problema assistências, o problema árbitros surge a requerer cuidada atenção, por evitar que se mandem para os campos, como dirigentes ou auxiliares, indivíduos que, pela sua parcialidade, técnica defeituosa ou conhecimentos imperfeitos das respectivas leis, são os promotores de muita coisa de mau que se passa nos terrenos de desporto.

É preciso rever os fundamentos, os alicerces das modalidades, a começar nas gerências e a acabar no público. Só assim, revolvendo tudo e removendo tudo, se poderá extirpar o mal, decependo a raiz daninha...

As medidas de boa ordem já determinadas devem ser acrescidas por aquelas que permitam desviar quem não serve — ou não quer cumprir como deve.

«Volley-Ball»

O incremento atingido por esta modalidade no curto prazo de um ano é prometedora.

É certo que cabe à «Cidade Portuguesa», organismo reluciente nacional e patriótico, larga — senão a maior — parcela de propaganda, pois o «volley-ball» é praticado obrigatoriamente, desde o escalão de infantes, com precisão de técnica que deve dar ao país, dentro de breve tempo, bons jogadores.

Sem alardes, em andamento lento mas persistente, o «volley-ball» vai arrematando verdadeira legião de adeptos — praticantes e propagandistas.

Facilmente apreciável por quem o veja jogar e tenha das suas leis conhecimento de ordem geral, o «volley-ball» deve disputar às outras modalidades um lugar de primeira ordem no decorrer do tempo — que não deve ser longo.

Remo

Aproveitando os lindos dias de sol que desfrutámos no Engarvado Fevereiro, as águas do nosso Douro foram sulcadas por barcos de todos os tipos, mas especialmente de «8», na preparação cadenciada dos seus remadores. Aos sábados de tarde e aos domingos de manhã faz-se a largada da beira-rio; os barcos andam para um lado e outro, em treino persistente, a educar os músculos, a completar o vigor, a dosar o esforço dos remadores.

Atletismo

Inexplicavelmente, e quanto à actividade oficial, o atletismo português continua parado! A época de inverno vai adiantada e as competições que podem ser feitas organizadas continuam sem dar acôrdo de si. Não há sequer um «cross» para animar...

HANDBALL

Um protesto

LOGO na primeira jornada do campeonato regional se registou um protesto técnico.

Por coincidência, assistimos ao jogo e, embora o facto técnico, na verdade, fosse confirmado — um simples erro do árbitro, que não trouxe consequências para o resultado — não vemos fundamento desportivo que leve a efectuar novo jogo para rectificar o «grande deslize» do encontro protestado.

A questão assenta à volta de meia dúzia de metros de distância do ponto onde foi executado o castigo.

Legalmente — isto é indubitável — o Vilanovense tem a causa ganha. Mas entre o caso legal e a circunstância de facto, há um vácuo a bafiar as coisas, desde que sejam examinadas serenamente.

É nesse «espaço» que nos encontramos, indiferentes a paixões clubistas.

Para nós não é segredo que o protesto do seu jogo contra o F. C. do Porto constituiu uma satisfação aos sócios — igualmente sabemos — passar a modesta — tendo sido um comentário nosso ao jogo que serviu de «raiz» ao protesto técnico.

Discordamos desta maneira de proceder, por não a considerarmos lógica.

O estafado argumento de se tomarem certas atitudes para dar cumprimento aos desejos de alguns associados e o aproveitamento da seara alheia para colher os frutos — eis, que é sempre votada à margem desde que os comentários não são favoráveis — é, permitam-nos a frase, de «muito mau gosto»...

LEME

“FLECHA”

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

Salão de Exp. e Vendas:
L. do Intendente—LISBOA

CARLOS GOUVEIA FRANCO (à direita) e seu irmão EDMUNDO, ambos da «Mocidade Portuguesa», respectivamente vencedor e 2.º classificado do Campeonato Nacional de Florete

(foto Nunes d'Almeida)

